

COLEÇÃO
AUSTREGÉSILO DE ATHAYDE



ACADEMIA BRASILEIRA
DE LETRAS



ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Francisco Mangabeira

 TRAGÉDIA ÉPICA
(GUERRA DE CANUDOS)

Rio de Janeiro 2010

COLEÇÃO AUSTREGÉSILO DE ATHAYDE

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Diretoria de 2010

Presidente: *Marcos Vinícios Vilaça*

Secretária-Geral: *Ana Maria Machado*

Primeiro-Secretário: *Domício Proença Filho*

Segundo-Secretário: *Luiz Paulo Horta*

Tesoureiro: *Murilo Melo Filho*

COMISSÃO DE PUBLICAÇÕES

Antonio Carlos Secchin

José Murilo de Carvalho

Marco Maciel

Produção editorial

Monique Mendes

Revisão

Igor Fagundes

Projeto gráfico

Victor Burton

Edição eletrônica

Estúdio Castellani

Catálogo na fonte:

Biblioteca da Academia Brasileira de Letras

M277 Mangabeira, Francisco, 1879-1904.

Tragédia épica : (Guerra de Canudos) / Francisco Mangabeira ;
apresentação, Aleilton Fonseca. Rio de Janeiro: Academia Brasileira
de Letras, 2010.

130 p. ; 21 cm. (Austregésilo de Athayde ; v. 30)

ISBN 978-85-7440-144-7

I. Literatura brasileira. I. Fonseca, Aleilton, 1959-. II. Título:
(Guerra de Canudos). III. Série.

CDD 869

Apresentação

~ O lirismo trágico de Canudos


ALEILTON FONSECA*

Por que só é profunda e ilimitada
A noite que há no coração dos homens?

FRANCISCO MANGABEIRA

O poema *Traquédia Épica (Guerra de Canudos)*, do poeta baiano Francisco Mangabeira, editado pela primeira vez em 1900, reaparece agora nesta prestigiosa Coleção Austregésilo de Athayde da Academia Brasileira de Letras, como uma verdadeira relíquia literária. Nada justifica ter permanecido essa obra em inexplicável ostracismo durante tantas décadas. Trata-se de um livro que, dada a sua singularidade, ocupa lugar de relevo no ciclo literário de Canudos, em cujo centro impera até hoje o livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, publicado em 1902.


O poema de Mangabeira não é uma simples curiosidade literária. Seus versos narrativos e eloquentes certamente despertarão o interesse dos leitores e estudiosos contemporâneos, uma vez que emanam de

*  Aleilton Fonseca é escritor, Doutor em Letras (USP), professor titular pleno da Universidade Estadual de Feira de Santana, membro da Academia de Letras da Bahia e do PEN Clube do Brasil.

uma voz lírica, piedosa e indignada, para denunciar o trágico episódio da história brasileira. O poeta pensou em dedicar o livro à memória das vítimas ou aos companheiros de expedição, registrando que esta seria: “uma boa maneira de exprimir a [sua] repulsa àquele monstruoso pesadelo da Pátria”. Publicado no calor das reverberações da fatídica campanha militar de Canudos, seus relatos da guerra, convertidos em vinte cantos marcados por um lirismo de acento trágico, surpreendem e instigam o leitor a refletir e a fazer comparações acerca do tema do consagrado livro de Euclides da Cunha e de tantas outras obras.

O médico Francisco Cavalcanti Mangabeira nasceu em Salvador, em 8 de fevereiro de 1879, filho de uma ilustre família baiana, irmão do político e acadêmico da ABL e da Academia de Letras da Bahia, Octavio Mangabeira, que foi inclusive governador do estado.¹ Como poeta, Francisco Mangabeira estreou com o livro de poemas simbolistas *Hostiário* (Salvador, 1898), ao qual se seguiram *Tragédia Épica* (Salvador, 1900), *Visões de Santa Teresa*, em Prosa, (Porto, Portugal, 1896), e, já em edições póstumas, *Últimas Poesias* (Salvador, 1906) e *Poesias* (Rio de Janeiro, 1928), reunindo seus três livros do gênero.

Mangabeira, ainda estudante da famosa Faculdade de Medicina da Bahia, contava 18 anos quando se alistou como voluntário e seguiu viagem, em 27 de julho de 1897, para prestar serviços médicos, nas fileiras da Quarta Expedição militar contra Canudos. Após a penosa jornada da guerra, o poeta retorna a Salvador, em 23 de outubro, e conclui os seus estudos, diplomando-se em 18 de dezembro do mesmo ano. Três meses depois seguiu para o Maranhão, para trabalhar como médico na Companhia Maranhense, daí seguindo para o Amazonas em missão oficial. Fez breve retorno a Salvador em 1902, voltando ao Norte quatro meses depois, para outra jornada na selva.

I  BRASIL, Assis (org., int.e notas). *A Poesia Baiana no Século XX – Antologia*. Rio de Janeiro: Imago, 1999, p. 41.

Idealista, engaja-se em novas ações patrióticas viajando ao Acre, onde participa da revolução de Plácido de Castro, que teve o objetivo de incorporar aquele território ao Brasil. De saúde frágil, acaba contraindo malária e uma rara enfermidade de pele. Debilitado pelas doenças, é levado para Manaus em busca de tratamento. Ao sentir a extrema gravidade de seu estado, resolve retornar à terra natal. Entretanto, em 27 de janeiro de 1904, o poeta falece, a bordo do vapor S. Salvador, na rota situada entre Belém e S. Luis, sendo sepultado no cemitério da capital maranhense.

Ao desaparecer, com apenas 25 anos de idade, longe dos centros literários, Mangabeira foi imediata e injustamente esquecido. Sua obra não teve voga suficiente para afirmar seu nome de forma mais ampla. De fato, ele não poderia tornar-se um simbolista de referência, porque, embora essencialmente lírico, era de certa forma um poeta híbrido. Convertido aos protocolos correntes do Simbolismo de então, era ainda assente aos fortes resquícios românticos, tão caros aos poetas baianos surgidos após Castro Alves, a grande referência dos novos.

O poeta teve, no entanto, uma boa acolhida por parte de críticos importantes. Brito Broca² registra-o como um dos poetas simbolistas da revista baiana *Nova Cruzada*, ao lado de Pedro Kilkerry e Carlos Chiachio, este último figura de proa do modernismo baiano e mentor da revista *Arco & Flexa* (1928/29). De acordo com Raimundo de Menezes, “sua poesia revela nitidamente influência simbolista”³, mais precisamente em *Hostiário*. Já em *Tragédia épica* o acento íntimo é romântico, no tom de um romantismo às vezes devoto e, sobretudo, social, ao estilo castroalvino, quando se lança a descrever e a lamentar os so-

2 ☞ BROCA, Brito. *A Vida Literária no Brasil. 1900*. 3.^a ed. rev. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.


3 ☞ *Apud*: BRASIL, Assis. *Op. cit.*, p. 41.

frimentos dantescos dos soldados e dos canudenses, em versos retóricos e altissonantes.

O crítico Andrade Muricy destaca-o no *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*⁴, considerando-o, em sua época, “o poeta do Norte de mais alevantado e vigoroso estro, depois de Castro Alves”. Segundo Muricy, “nenhum dos poetas simbolistas brasileiros teve existência tão agitada e heróica. Aos 25 anos já vivera intensa e gloriosamente”, o que faz lembrar a curta e agitada trajetória do autor de “Vozes d’África” e “Navio Negroiro”. Aponta ainda Muricy, nos versos de *Hostiário*, a “fulgurante virtuosidade e uma movimentação brilhante, saudável, um pouco exterior, pouco frequente em nosso simbolismo.” O crítico destaca alguns poemas memoráveis do autor baiano, confirmando “o mérito desse notável poeta, de expressão clara, luminosa e viril”.

O historiador e acadêmico da ABL, Pedro Calmon,⁵ registra em sua *História da Literatura Baiana* que o poeta era detentor de “poderoso talento trabalhado por duas profundas emoções cívicas, a guerra de Canudos, a que assistiu como estudante de medicina, e a campanha do Acre, seu derradeiro sacrifício”. O historiador destaca ainda a sua “esplêndida espontaneidade”, que o tornava comparável aos maiores poetas. E assim conclui Calmon: “Sacudia-lhe o verso uma surpreendente energia, entre pessimista e heroica, num conjunto impressionante de amargura e força que lembravam as decepções da juventude tocada pelo infortúnio, das cenas e das almas do seu convívio, e o destino adverso, com que lutava”.⁵ Nesse aspecto, Mangabeira, jovem poeta e acadêmico, de curta e agitada trajetória de vida, também guarda certa

4  MURICY, Andrade. *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*. 3.^a ed. rev. e aum. São Paulo: Perspectiva, 1987, pp. 769-777.

5  CALMON, Pedro. *História da Literatura Baiana*. Coleção Documentos Brasileiros, v. 62. São Paulo: José Olympio, 1949, p. 212.

semelhança com Castro Alves, uma forte influência quanto ao acento retórico de uma poesia afeita à declamação e à tribuna.

Numa avaliação recente, Massaud Moisés afirma que o poeta baiano

perfilhou o Simbolismo movido por uma espécie de identificação substancial. Soube, contudo, enriquecer os impulsos de temperamento com um caráter heroico, que a sua existência testemunha criando uma poesia vigorosa, de imagens surpreendentes, insólitas, onde repercute o exemplo baudelairiano e se notam traços antecipadores de Augusto dos Anjos.

Considera ainda que “a *Traquédia Épica*, sua obra-prima em torno da guerra de Canudos, parece simbolizar, a partir do título, a dicotomia lírico-épica que lhe sustentava a cosmovisão.”⁶

Com efeito, são apreciações críticas muito positivas, que demonstram a necessidade de se fazer emergir a obra do poeta para que seja avaliada em seu conjunto, de modo a se definir melhor o seu lugar no panorama geral da poesia brasileira.

Ao engajar-se nas fileiras do Exército republicano, Francisco Mangabeira marchou para Canudos, numa missão paradoxal aos objetivos das tropas. Ele tinha consciência dessa condição, ao registrar, na abertura do seu livro, que o grupo de jovens voluntários cumpriam, segundo suas palavras, uma “missão da Paz, da Caridade e do Amor”. Ao prestar serviço médico nos hospitais de sangue improvisados, estava empenhado em salvar vidas e minorar os sofrimentos dos homens grave ou mortalmente feridos. Como tal, foi um espectador angustiado

6 ☞ MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira*. 3 v., vol. II – Realismo e Simbolismo. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 307.

das batalhas, vendo de perto a agonia dos moribundos. De longe, era um observador consternado com o massacre que se abatia sobre o arraial de Belo Monte. Seus poemas incorporam situações, vivências e sentimentos semelhantes aos que se observam na escrita de outros autores da época, como Manuel Benício e o próprio Euclides da Cunha. De olhos sensíveis, eles testemunharam os fatos e reagiram conforme suas convicções e percepções particulares, mas sempre com a consciência de que estavam diante de uma grande tragédia.

Em sua missão voluntária, Mangabeira seguiu sertão adentro, ao lado de seus colegas acadêmicos de medicina, entre os quais o seu grande amigo Joaquim Pedreira. Acometido de enfermidades, Pedreira veio a falecer antes do final do conflito, aos 18 anos de idade. Esse fato marcou profundamente o poeta, motivando-o a escrever uma espécie de nênia ao amigo, que constitui o canto IX, intitulado “Dolor”. Pelo mesmo motivo, Mangabeira resolveu iniciar o livro com a “Carta a um Morto”. A carta registra, em tom elegíaco, sua comoção diante da morte de Joaquim Pedreira, durante aquela “assombrosa epopeia de valor que se desenrolou no sertão de nossa terra”. O seu enternecimento permeia todo o texto, acentuando-se, com ironia doída, em algumas das passagens em que dialoga com o amigo desaparecido, lamentando sua má sorte e o rápido esquecimento que então já recobria a carnificina de Canudos. O poeta declara, irônico e angustiado: “Se converso com um morto sobre uma desgraça da nossa Pátria, é porque os vivos parecem não ligar importância a essas futilidades”.

Os vinte cantos da *Tragédia Épica* se seguem num movimento de contraponto, em que ora os soldados, ora os sertanejos assomam à ribalta da arena poética, numa espécie de concerto de vozes e perspectivas díspares, – desiguais, em luta encarniçada –, mas consoantes, na partitura da trama – como se fossem atores de uma peça trágica. No

poema de abertura, intitulado “Adeus”, o poeta realça o sentimento e o moral dos soldados, no momento do embarque para o sertão, quando deixam a cidade, os lares, os amores e as famílias, despedindo-se “...desta querida terra/ para onde talvez não voltem nunca mais”. O canto delinea-se como um ritual de despedida, à vista da luta sangrenta que iam travar contra os canudenses. A exaltação ao heroísmo dos soldados reverbera nos versos. Eles são vistos de forma idealizada, não como um exército armado, mas como homens destemidos que desafiam a morte por força do destino. Afirma o poeta que: “Vão em busca da glória ou, então, da sepultura / Este bando de heróis, homens feitos leões”. Trata-se de um lamento perpassado de langor, pois não é o triunfo, mas sobretudo a morte que os espreita no sertão inóspito. Na partida, a bandeira, ao tremular: “Parece abençoar os bravos e ir lançando / Um adeus prolongado à triste multidão”.

Todos os vinte cantos suscitam interesse para um estudo de composição, pois podem ser analisados como partes que constituem o poema como um todo, fixando sua unidade de tema e de tonalidade. Os cantos obedecem a uma lógica narrativa que seleciona os pontos cruciais do assunto, confrontando posições, circunstâncias, diferenças e vicissitudes da guerra, ao tempo em que vai revelando os sentimentos e as angústias dos atores em luta. Há um canto que encerra uma curiosidade, aliás, revelada pelo próprio Mangabeira, em nota explicativa, ao final do livro. Trata-se do poema “Assalto à Artilharia”, que o poeta define como

uma espécie de tradução de uma belíssima carta que o Dr. Euclides da Cunha escreveu de Canudos para o Estado de S. Paulo, onde este meu saudoso amigo derramou tanta luz em belíssimas e magistras correspondências, que, publicadas em livro, lhe garantiriam um triunfo literário.

Dessa forma, Mangabeira já vaticinava a glória do livro vingador que Euclides lançaria dois anos mais tarde.

Ao longo da *Tragédia Épica*, a maior focalização recai nos soldados, atores às vezes individualizados, como se observa nos cantos “Os três oficiais”, “A carta do soldado” e “A Agonia do Ferido”, por exemplo. A perspectiva do eu lírico narrador, como não poderia deixar de ser, traduz um ângulo de visão litorâneo, ponto de onde Mangabeira parte, engajado na campanha, à retaguarda das fileiras militares. Por outro lado, o olhar que lança sobre os canudenses é agudo ao demonstrar as dimensões desumanas da tragédia. Os sertanejos são vistos sempre como o outro, o adversário “sempre raivoso, impávido e insubmisso”. Eram eles “aquela gente bruta” que assombra o poeta pela capacidade de resistência e pelos horrores que sofre e enfrenta a cada ataque das tropas. Assim, o que mais aproxima o eu lírico dos sertanejos é a compaixão de seu olhar, ao descrever e lamentar a desgraça de crianças, mulheres e homens cruelmente dizimados pelos ataques dos soldados.

No canto IV, “A Reza”, o eu lírico realça o contraste entre a paz do reduto, no momento da prece, em que “casa-se a voz dos sinos à voz das ladainhas”, em face do fogo da artilharia contra a igreja do arraial. Neste momento, os sertanejos: “Recordam os cristãos das mais antigas eras / Que, ao fogo sideral de crença verdadeira, / Afrontavam com calma os ímpetos das feras / Ou morriam a rir dentro de uma fogueira”. Nesse diapasão, o canto XII, “O Combate”, descreve os horrores da batalha final, em que dor e morte se tornam imagens dominantes. O poeta alinha os lances da luta sangrenta e desigual, em proveito de sua retórica descritiva, cujo efeito é a visão infernal da crueldade. O termo da luta é um quadro da natureza desolada: “O combate acabou, quando na imensidade / A lua apareceu triste como a orfanidade”. Seguem-se não menos comiserativos os cantos intitulados “Os Prisioneiros”, “O Incêndio”, “Crianças Prisioneiras” e “A Caravana

Maldita”, acentuando o drama dos sertanejos vencidos, nos seus derradeiros estertores, e, finalmente, como séquito de prisioneiros que: “Sofrem penas, que só o inferno há de contê-las / Atravessam o céu, claro como um sorriso, / Era um cortejo louro, / Demandando o caminho azul do paraíso...”.

Os leitores e estudiosos acostumaram-se a ler e a sentir a tragédia canudense, encenada às margens do rio Vaza-Barris, através do admirável estilo euclidiano, com sua retórica retumbante, sua precisão de detalhes, sua análise incisiva, sua denúncia mordaz. *Os Sertões*, em sua feição de documento, análise e monumento literário, ocupam o centro das atenções há mais de um século, deixando à sombra as demais obras que percorreram, cada qual à sua maneira, as mesmas trilhas esturricadas do sertão baiano. De fato, ao longo de quase onze décadas, o tratado euclidiano é o grande marco, em torno do qual continuam emergindo livros antigos e novos, para orbitar em sua auréola, como partes do grande arquiteyto da Guerra de Canudos, que se compõe e recompõe, a cada texto novo que se escreve e a cada obra antiga que se reedita.

O livro de Mangabeira faz parte dessa enciclopédia canudense, ocupando um lugar relevante na coleção de registros e representações dos dramas pessoais e coletivos, das circunstâncias e vicissitudes da guerra. No seu poema, manifesta-se a voz enternecida de um homem que testemunhou a guerra e viveu na pele as motivações que o levaram a escrever sua denúncia. Sua poesia é vazada numa linguagem peculiar, viva e acessível, que demonstra seus traços de época e inscreve-se também como um estilo híbrido, entre o simbolismo da concepção formal e o desenho retórico dos quadros, de feição romântica. Capta-se na leitura a voz embargada do jovem poeta marcado pela vida e que empunha a pena para um acerto de contas com a história na qual se envolveu. Do alto das fileiras do Exército, o médico Mangabeira não

enxergou simplesmente o inimigo a aniquilar, mas teve mira mais ampla, assinalando uma percepção lírica e agônica da condição humana dos sertanejos, vistos como sujeitos de uma saga, em defesa da sobrevivência, em sua espantosa resistência à destruição militar.

Em alguns pontos, a trajetória de Francisco Mangabeira se assemelha muito à de Euclides da Cunha. Ambos viveram intensamente o drama de Canudos, pisando o solo ensanguentado dos sertões baianos. Ali estiveram, em missões diferentes, porém intrínsecas à guerra. Perplexos, em meio aos tiroteios, um médico e o outro jornalista, ambos testemunharam diversos lances da tragédia. E logo assumiram o espírito de um dever social a cumprir, denunciando a guerra como um crime. Idealistas, mais tarde rumaram para as regiões inóspitas do Norte do país, engajados em ações de interesse político e social. Ambos caíram gravemente enfermos. E faleceram precocemente. Mangabeira, em plena juventude, aos 25 anos; Euclides, aos 43 anos, mal transposto o portal da maturidade. Morreram em circunstâncias diferentes, é certo; mas igualmente trágicas.

De certa maneira, pode-se considerar que a *Tragédia Épica* representa na poesia aquilo que *Os Sertões* representam na prosa brasileira. O poeta baiano, tal como Euclides da Cunha, caracteriza os sertanejos como jagunços ferozes, fanáticos, em situação de atraso e pobreza. Em contrapartida, também como o ensaísta fluminense, faz em seu poema elegíaco uma denúncia veemente contra a guerra, que considera fruto da inépcia do governo republicano, “onde todos, soldados e fanáticos, foram igualmente vítimas do mais lamentável erro político”.

Francisco Mangabeira teve o destino dos grandes. Como Gregório de Matos, cantou sua terra e morreu longe dela, acometido de febre terçã. Como Castro Alves, extraiu o lirismo das próprias vivências e feneceu na flor da idade. Como Euclides da Cunha, percorreu os sertões e o Norte do país em missões de interesse público. Tal como ele,

Mangabeira marcou sua escrita com uma profunda sensibilidade social, fazendo-a instrumento de ideias, sem com isso perder a grandeza. Como o autor de *Os Sertões*, horrorizou-se e encantou-se com a epopeia de Canudos, legando à posteridade um protesto sincero, em vinte cantos líricos que ecoam a forte impressão de uma experiência real. Que os leitores de hoje, oxalá despojados de incertos *ismos* e preconceitos do passado, reabilitem e apreciem sua poesia, devolvendo-a à luz dos dias atuais.

Sumário

TRAGÉDIA ÉPICA (GUERRA DE CANUDOS)

Apresentação	VII
CARTA A UM MORTO	3
I ADEUS!	5
II O BATISMO DE SANGUE	9
III ASSALTO À ARTILHARIA	13
IV A REZA	17
V OS TRÊS OFICIAIS	22
VI A TOMADA DA TRINCHEIRA	35
VII O HERÓI	39
VIII A CARTA DO SOLDADO	41
IX DOLOR	47
X O CÉU	53

XI	A VIVANDEIRA	55
XII	O COMBATE	59
XIII	A AGONIA DO FERIDO	65
XIV	OS DOIS CADÁVERES	72
XV	OS PRISIONEIRO.S.....	75
XVI	O INCÊNDIO.....	85
XVII	CRIANÇAS PRISIONEIRAS.....	88
XVIII	A CARAVANA MALDITA.....	92
XIX	OS CÃES	97
XX	<i>MATER</i>	103
	NOTAS DE I. ^a EDIÇÃO.....	107

∞ TRAGÉDIA ÉPICA
(GUERRA DE CANUDOS)

CARTA A UM MORTO

Meu caro Joaquim Pedreira:

Este poema, onde canto aquela assombrosa epopeia de valor que se desenrolou no sertão de nossa terra, só podia ser dedicado a ti. Imagina que, naquela tragédia épica, onde todos, soldados e fanáticos, foram igualmente vítimas do mais lamentável erro político, tu representaste um papel eminentemente simpático, porque morreste quando, entre as cenas ensanguentadas e lancinantes dos hospitais, procuravas reanimar vidas que se apagavam.

Eu queria que a dedicatória deste livro traduzisse, por si só, todo o protesto e toda a piedade que se apoderaram do meu espírito diante da carnificina de Canudos. E, assim, lembrou-me ao princípio consagrar esta página à memória das vítimas da grande tragédia, que foram não só aqueles soldados que marchavam friamente para a morte, impassíveis e calmos entre o zunir das balas, até que finalmente rolassem pelo chão, onde se lhes exalava dos lábios o último suspiro, que deveria ser uma expressão de saudade e tristeza aos seus filhinhos, já sem pai; mas também aqueles tabaréus, que lembravam leões, e que, das encostas calvas e abrasadas dos seus montes nus, resistiram com uma bravura louca até o último instante, sem que jamais vergassem a espinha numa medida de submissão e covardia.

Pensei também em dedicar este trabalho aos meus queridos e leais companheiros de expedição, que, seguindo o teu nobre exemplo, abandonaram comigo os bancos acadêmicos num dia de alegrias nossas e tristezas dos nossos. Seria uma prova de amizade e carinho para

com eles, dos quais muitos não verei nunca mais, e, ao mesmo tempo, uma boa maneira de exprimir a minha repulsa àquele monstruoso pesadelo da Pátria, pois oferecer um trabalho em que se celebra uma guerra aos que lá foram na missão da Paz, da Caridade e do Amor, outra coisa não é senão reprová-la. Só muito depois foi que se me depa-rou a ideia de consagrar-te o meu poema e, então, não me custou ofe-rcer-to, desde que no teu nome posso sintetizar tudo o que penso so-bre aquele morticínio, ao qual assisti até ao fim, enquanto tu, ainda com 18 anos...

Ah! A tua morte, apesar de ser uma desgraça, poupou-te de uma desilusão.

Não viste como morreram os últimos fanáticos, nem como volta-ram os bravos soldados que para lá foram por uma inépcia política...

Sabes? Pode ser que muitos já estejam a rir de eu conversar contigo que me não podes responder, porque já dormes o longo sono sem so-nhos. Mas que querem eles?

Se converso com um morto sobre uma desgraça da nossa Pátria, é porque os vivos parecem não ligar importância a essas futilidades.

Que, de lá, recebas com ternura e meiguice a intenção de minha oferta e enchas de consolo as vítimas daquela guerra, a sepultura das quais deposito este poema como um epitáfio modesto.

Bahia, 3 de outubro de 1900.

Francisco Mangabeira

I

ADEUS!

Lá vão eles, lá vão... Olham tristonhamente
A casaria branca, os templos triunfais,
As ruas, os jardins, as árvores, a serra,
Toda loira de sol, desta querida terra,
Para onde talvez não voltem nunca mais.

Lá vão eles, lá vão... Adeus! sítios alegres
Onde outrora cantava o pássaro do amor...
Adeus! sol sem igual e aragens olorantes...
Adeus! de novo adeus! noites irradiantes
Em que a lua acendia um astro em cada flor!

Adeus! cidade antiga, em cujo seio amado
Viveram sob o olhar e a proteção de Deus...
Dias passados já, felizes e risonhos,
Em que traziam na alma os arrebóis dos sonhos
E que não voltarão, inda outra vez – adeus!

Adeus! noivas, e irmãs, e esposas... Adeus, filhos
Que nos berços em flor dormitam a sonhar.
Adeus! A Pátria geme! e é só porque ela chora
Que estes soldados vão partir, bosques em fora,
Talvez – quem sabe, Deus? – para não mais voltar.

E lá vão eles! Já tristíssimos lamentos
Se escutam... Um tremor agita os corações
Dos que ficam, ao ver com que fatal loucura
Vão em busca da glória ou, então, da sepultura
Este bando de heróis, homens feitos leões.

Seguem para a campanha ansiosos e frementes...
Porém, quantos, meu Deus, não hão de ficar lá
Sem carinhos, no chão, frios e ensanguentados,
A gemer? Mas do sangue heroico dos soldados,
Como o sol – da alvorada, a Pátria surgirá.

Muitos hão de ficar sepultos nas paragens
Onde vencerem, e onde o louro triunfal
Cingirem, recordando os nômades gigantes
Que subjugam répteis, panteras e elefantes,
E morrem com valor no meio do areal.

Outros hão de voltar sem pernas ou sem braços,
Apresentando, então, aos homens a melhor
Prova dos brios seus nos prélios mais renhidos...
E, assim, a rastejar, tristes e enfraquecidos,
Terão por isso mesmo aclamação maior.

Outros, cheios de glória, ao penetrar a porta
Do lar, hão de saber que a negra morte fez
Em seus risos surgir o pranto; que morreram
Seus filhos ou seus pais... E eles, que não tremeram
Na luta, hão de tremer pela primeira vez.

Paira uma luz vibrante, esplêndida e gloriosa,
Dos soldados no olhar, onde rutilam sóis...
Anteveem de certo o quadro da batalha:
Gritos, lamentações, rugidos de metralha,
E, por sobre isso tudo, a calma dos heróis.

Sentem crescer-lhes n'alma a aspiração imensa
De conquistar lauréis, e para o azul do céu
Erguem o olhar sereno em votos fervorosos,
Como usam fazer os nautas audaciosos
Quando querem domar a fúria do escarcéu.

Almas feitas de bronze – eles desprezam tudo
Para afrontar a morte, heróicos e viris...
Eu amo estes heróis que têm, em tais momentos,
A chama dos vulcões e a cólera dos ventos
Dentro dos corações firmes e juvenis!

Glória à brava legião! A morte, a própria morte
Respeitará a vida a estes que vão partir
Deixando tudo aqui, e não levando nada
A não ser sua audácia, a baioneta, a espada
E a saudade que, atroz, a alma lhes vem ferir.

Deus os conduza... Sempre os acompanhe a glória...
Que triunfem e nunca a dúvida cruel
Os esmoreça até que, após a guerra, ainda
Possam beijar a mãe, e a filha, e a noiva linda,
Trazendo sobre a frente a aurora dum laurel.

É hora de partir! A máquina assovia
Vomitando fumaça, e move-se, a ranger...
Quanta palpitação nas almas! Quanta mágoa!
Quantos olhos estão baixos e rasos de água!
E quanto coração precipite, a gemer!

Adeus! adeus! adeus! a multidão exclama
Aos que partem, enquanto, alucinado, o trem
Avança, descrevendo incríveis cabriolas...
Os soldados, então, correm às portinholas
Acenando um adeus! que do imo da alma vem.

Vai-se sumindo o trem, quando na plataforma
Se levanta, orgulhoso, o nosso pavilhão,
Que, a um só tempo, ao clarão do dia tremulando,
Parece abençoar os bravos e ir lançando
Um adeus prolongado à triste multidão.

II

O BATISMO DE SANGUE

EI-LOS em meio à estrada... Exaustos e cansados
Atravessam os montes,
Vingam os alcantis, transpõem os valados,
Sob a chama do sol que doira os horizontes.

Quem de longe vê essa estranha mole humana
Viajando no deserto,
Pensa que está fitando alguma caravana
Em busca de um tesouro, há pouco descoberto.

As lanças, a espelhar, centelham sobre os ombros
Dos soldados robustos
Que vão, calmos, pisando os lúgubres escombros
Do incêndio que torrou os míseros arbustos.

Tontos, os animais escondem-se, escutando
O brado das cornetas,
Que soam rudemente, as aves espantando
E espavorindo até as mansas borboletas.

E os soldados lá vão, cheios de atrevimento,
Pelos caminhos brancos,
E dormem afinal, exaustos, ao relento,
Deitados pelo chão, nas pedras e nos troncos.

De noite o acampamento, à luz que se bifurca
Em réstias infinitas
Das barracas, parece uma cidade turca
Feita de palanquins, bazares e mesquitas.

Também pode lembrar por causa das ramagens
Que o escondem, na floresta,
Uma taba feliz de indômitos selvagens,
Acesa, celebrando uma pomposa festa.

Divertem-se e, por fim, quando a corneta soa,
Todos vão à procura
Da barraca, onde o pranto oculto corre à toa
Abrandando a saudade imensa que os tortura.

O acampamento fica ermo e silencioso...
Só se percebe pelas
Barracas escorrer um fluido luminoso,
Que é a piedade da lua e a mágoa das estrelas.

Antes do sol raiar, quando no céu ainda
Fulge a lua prateada
Entre os astros, bem como uma princesa linda,
A corneta já diz o toque de alvorada.

Todos despertam logo... Arreiam-se os cavalos
Impacientes e brutos.
E, sem haver tremor de terra nem abalos,
O acampamento cai em dois ou três minutos.

Viajar de madrugada! Eis a maior delícia
Que a existência entesoura:

A mata canta e cheira, o vento é uma carícia,
E no céu muito azul, a aurora muito loura...

Depois desponta um sol esplêndido, sem tréguas,
Incendiando tudo...
E eles têm que fazer uma porção de léguas
Por este ínvio sertão esbraseado e mudo!

A fome e a sede já os desanimam; vê-se
A ampla língua pendente
Da boca de cada um, babando; e assim parece
Que são como os dragões das lendas do Oriente.

Os soldados, ao ver que o dólido consolo
Para os seus males tarda,
Desesperam, e alguns caem no ardente solo,
Não podendo aguentar o peso da espingarda.

A canícula atroz incendiou os galhos
Das árvores despidas,
Que se quedam de pé como a pedir orvalho
Que as tornem, como sempre, enormes e floridas.

A viagem finda... Eis quando inumeráveis balas
Pérfidas e certas
Fazem nos batalhões claros enormes; alas
E mais alas de heróis tombam no chão inteiras...

Ninguém sabe o inimigo, em que lugar se oculta...
E dos bosques em meio
À peleja cruel e pavorosa avulta,
E é cada vez maior o horrível tiroteio.

Quando os soldados vão descarregando fogo,
Reparam que o adversário
Nada sofreu e, sim, as árvores que logo
Se despenham, fazendo um ruído extraordinário.

A luta aumenta: o solo é um rio ensanguentado
Onde bóiam os mortos...
Como é triste morrer exangue e abandonado,
Sem carinhos! Sem luz! Sem beijos! Sem confortos!

Luzidos batalhões rolam sem vida; os moços
Oficiais feridos
Com as espadas nas mãos revolvem-se nos fossos,
E morrem aclamando os bravos destemidos.

A tropa, sitiada, avança e não recua
Porque ainda lhe resta
Um bando de leões... E, quando surge a lua,
Acampam, afinal, no meio da floresta.

E aí, vendo que a morte arrebatou metade
Dos companheiros, calma,
Eles choram por fim... mas choram de saudade,
Que a saudade é um luar que temos dentro da alma.

III

ASSALTO À ARTILHARIA

REUNIDOS os fanáticos, um dia,
O chefe exclama: “O fogo pavoroso
Da rouca artilharia
É o que nos faz desanimar por ora...
Urge um assalto enérgico e raivoso
Aos canhões... para ver se isto melhora.”
– E logo foi deliberado o assalto.

Meio dia. No azul do firmamento
O sol fuzila radioso e alto,
Em um deslumbramento...
E os seus raios, batendo nas monstruosas
Rochas, dão-lhes o aspecto de cobalto
E o resplendor das pedras preciosas,
Que há nos mantos dos príncipes do Oriente.

Incendeia-se o espaço iluminado
Como um harém festivo, O solo é quente,
Sem água, esbraseado.
O homem pasma ao olhar essas riquezas...
Que tesourou no céu resplandecente
E quantas jóias na amplidão acesas!
Isso, no entanto, de ilusão não passa.

Parece que do píncaro dos montes
Um rio de rubis se desenlaça,
Coleando entre fontes
Cujas águas têm brilhos de ametistas...
E o rio corre, serpenteia, abraça
O vale, e foge, enfim, das nossas vistas,
Que debalde o procuram, deslumbradas.

Nada é mais belo do que o sol que atira
Os seus raios, luzentes como espadas,
No espaço de safira,
E faz brotar pelos rochedos brutos
Selvas de chamas e árvores doiradas,
Cheias de ninhos, pássaros e frutos,
Modelados em prásios e diamantes,

O sol em pino incendiando os ares!
O nosso imaginar nesses instantes
Vê quadros singulares:
Índios vagando de cocar e setas,
Cortejos de rajás irradiantes,
Gôndolas onde fadas e poetas
De lira em punho cantam, suspirando.

O sol em pino a deslumbrar o espaço!
Nisso trinta fanáticos, olhando
Em redor, e de passo
Cauteloso, aparecem nos caminhos
Que levam aos canhões... De vez em quando,
Param, e espreitam... Vendo-se sozinhos,
Começam a subir a ribanceira.

Que trabalho ansioso! Em troncos velhos
Agarram-se eles de melhor maneira...

 Uns ferem os joelhos
Nas angulosas pedras; outros cortam
As grossas mãos, pegando-se em rasteiras
Plantas, que tanto peso não suportam,
E saem com a raiz tenra e pequena.

Galgam mais um pedaço da colina...
Estão quase no meio; causa pena
 A ânsia que os domina...
Rastejam a tremer... A terra solta
Cobrindo os rudes e tostados rostos
Com os bonés e chapéus de abas caídas.

Nisso, os trinta fanáticos, do seio
Das moitas silenciosas e esquecidas,
 Arremetem em cheio
Aos soldados que, aos centos, se levantam.
Ouvem-se vozes surdas e perdidas,
Detonações fortíssimas que espantam
Os assaltantes ríspidos e loucos...

São rechaçados pela soldadesca,
Que, em vagalhões horríficos e roucos,
 Numa fúria dantesca
Os esmaga, espetando-lhes a fronte
Nas lanças... Retalhando-os... Restam poucos...
E estes, vendo-se sós no alto de um monte,
Resistem sempre, tontos e sombrios.

Vendo que estão vencidos, da montanha
Atiram-se, raivosos e bravios,
 Numa tortura estranha...
Seus braços arrebentam-se, seus crânios
De encontro às pedras racham-se, nuns fios
De sangue... E, enfim, morrem sem dar um grito,
Como atletas gloriosos e titânios,
 Caídos do infinito!

IV

A REZA

O REDUTO contrário é todo paz... A noite
Lança um manto de crepe aos montes e às palhoças.
Geme o vento a bater como um estranho açoite
Nas arvores senis, nos morros e nas choças.

Mas na torre da igreja, onde a cruel metralha
Grandes fendas abriu, o sino alegremente
Bate, rebate, canta, e, a badalar, bimbalha
Vertiginosamente.

O sino canta, geme o sino, o sino chora...
E ouve-se uma profunda e misteriosa prece
Que se eleva, a tremer, pela amplidão afora,
E diminui, e mingua, e arfa, e desaparece.

Agora aumenta... É como um vagalhão gemendo
Até ir desmanchar-se, aos borbotões, na praia...
Acentua-se, cresce, o espaço percorrendo,
E de novo desmaia.

Paira o mistério em tudo... É o coração dos crentes
Que se desfaz... Recorda eólicos violinos
Ou harpas siderais, finas e transparentes,
Gemendo sob as mãos de uns anjos peregrinos.

É uma súplica. Ondula e voa como o incenso
Até o firmamento, onde as estrelas puras
Se quedam, a escutar num êxtase imenso
A reza das criaturas.

Os altos montes nus, as pedras e o arvoredo
Irradiam... O céu aclara-se... E no vento
Como que se apreende o dólido segredo
Que a terra escura diz ao claro firmamento.

E a oração continua. O caro inda mais grave
Torna a prece que lança em tudo um certo encanto,
Em cada alma se sente o gemido de uma ave
Que, ao mesmo tempo, é um canto.

Cheios de assombro, estão os míseros rezando...
Veem diante de si santíssimas paisagens:
Maria e S. José o Egito demandando,
Ou da vida de Cristo as bíblicas passagens.

O cântico, que sai ardente dessas bocas,
Assemelha-se ao mar, à luz da lua cheia,
Que se encrespa e depois estoura, em ânsias loucas,
Nas rochas e na areia.

Casa-se a voz dos sinos à voz das ladainhas,
Dos fanáticos a alma isentando de abrolhos...
E as mães beijam com ânsia as doces criancinhas
Que contemplam o céu com sorrisos nos olhos.

É que as crianças vêm um serafim de asas
Branças e fronte loura, um anjo que lhes beija

A face e torna em céu todas as suas casas,
Onde a inocência adeja.

Pensam que do infinito os astros descem para
Guiá-las entre a funda escuridão da terra,
Mostrando-lhes ao longe uma avenida clara
Onde a ventura, a rir, de peito em peito erra.

As velhas a tremer bendizem as crianças
Que estão de mãos em cruz, quietas e ajoelhadas,
E em cujo doce olhar vagueiam esperanças,
Como abelhas doiradas.

Rapazes e anciões oram, movendo as contas
Do rosário... Meu Deus, como isso é extraordinário!
Eles, que têm sempre as espingardas prontas,
Esquecem-nas assim que pegam do rosário.

A lâmpada, que oscila em meio a igreja, expande
Luz em torno, e clareia a face contraída
De um selvagem de olhar tranquilo, barba grande,
E túnica comprida.

Tem garras colossais, pois unhas como essas,
Unhas não são... Parece um ídolo bizarro
Posto num tamborete em cima de tripeças,
Com o rosto retalhado e os pés cheios de barro,

O seu cajado é mais que o cetro glorioso
Do mais glorioso rei. Todos o fitam cheios
De pavor, e a sentir o coração medroso
Tremendo de receios.

A reza não se acaba, e o sino canta... Eis quando
Atravessam a igreja, esburacando-a, as balas.
E os pobres sem tremer continuam rezando
Adiante do altar, ajoelhados, e em alas.

Cai um ferido aqui, mais outro, este agoniza,
Este outro morre, aquele estorce-se, adiante
Um perde o braço e fica, em posição concisa,
A rezar, ofegante.

Uma terna mulher perde os seios, e fica
A rezar, não sentindo a dor. Assim parece
Um desgraçado ser que a prece glorifica
Ou uma santa ideal que glorifica à prece.

Se cruza sobre o peito as mãos, em vez de vê-las
Cheias de sangue, as vê castas e gloriosas...
E dos seios na chaga ela descobre estrelas,
Alvoradas e rosas.

E as balas pelo espaço explodem furiosas,
Aqui ferindo, além despedaçando altares...
Quebram santos e vão fugindo, estrepitosas,
Como um grito de dor sibilando nos ares.

Uma zune e no teto, estridula, detona,
Desmanchando-se toda em ígneos estilhaços.
Eles então, à Mãe, que de Jesus é dona
Alevantam os braços.

Outra vem e derruba o resplendor de Cristo,
Uma outra fere um velho e, sibilando, passa...

E de repente o altar não é por eles visto
Porque o rodeia o pó a modo de fumaça.

Uma criança cai toda banhada em sangue,
Torcendo-se no chão, aflita e semi-nua...
O pai beija esse anjo estrebuchante e languê,
E a rezar continua.

Recordam os cristãos das mais antigas eras
Que, ao fogo sideral de crença verdadeira,
Afrontavam com calma os ímpetos das feras
Ou morriam a rir dentro de uma fogueira.

Um projétil destrói a lâmpada mortíça
E a oração continua em meio à sombra vaga
Porque em seus corações uma outra luz se atíça,
E esta luz não se apaga.

Agora cai ferido o homem de manto e garras...
Numa alucinação, todos os rezadores
Se levantam, soltando exclamações bizarras,
Para beijar-lhe as mãos e os olhos sofredores.

Pouco depois, gemia a noite de surpresa
E a viração bem longe ia soltar suspiros...
Em vez de balbuciar a majestosa reza,
Davam tiros e tiros.

Quando a aurora surgia a demandar os portos
Do azul, estremeceu a falta de carinhos,
Por ver a terra assim, cheia de sangue e mortos,
Quando devia estar cheia de passarinhos.

V

OS TRÊS OFICIAIS

NOITE... No acampamento rumoroso
Conversam descuidados
Três moços oficiais. Um diz:
– Meu berço...
É o mais maravilhoso
Que pode haver! Nasci nos descampados
Que a ventania agita
Em montanhas de pó no azul disperso...
Doce terra bendita,
Coberta de planícies assombrosas,
Que são atravessadas
Pelos fortes *gaúchos* em cavalos
De patas vigorosas.
Oh regiões amadas
Onde passei tranquilo e sem abalos
A infância, que saudades
Profundas sinto agora
Dos teus pampas, teus rios e cidades
Onde é mais frio o vento
E as mulheres mais lindas! Onde a aurora
No inverno limpa o céu todo nevoento
E no verão colora
De ouro e luz o radioso firmamento!
Contigo eu aprendi, desde criança,
A arrostar toda a sorte de perigo

E a enterrar uma lança
No peito do inimigo.

Salve, terra dos Pampas, onde a vida

Corre agitada e boa,

E o *gaúcho* viaja alegremente,

Sem pesares e à toa,

Num animal valente,

Com o lenço no pescoço

E um enorme chapéu de aba caída,

Resguardando-lhe o rosto.

Passa a vida sem sobra de desgosto:

De manhã, muito cedo,

Depois dum leve almoço

De mate ou charque, monta e vai sem medo

Desbravando as savanas...

Descansa em casas pobres, onde moram

Honestos lavradores

E morenas serranas

Que, sem mágoas e dores,

Vivem placidamente e nunca choram.

Quer no inverno sem tréguas,

Quer no verão ardente,

Ele viaja assim léguas e léguas,

Partindo duma estância

E pernoitando noutra. Seus cuidados

Cifram-se unicamente

No cavalo feroso que ergue as patas,

Numa indomável ânsia,

Levando-o por planícies e por matas
A uma grande distância...
Terra santa e querida, onde os soldados
Passam a vida inteira
Viajando nas cidades e povoados
Que existem na fronteira...

Minha terra natal, eu te saúdo
Com os olhos lacrimosos
Porque em ti deixei tudo
Quanto amei nos meus dias venturosos...
Em ti ficou aquela
Que há de ser minha, o anjo
Em cuja face bela
O firmamento abranjo...

A minha pobre noiva! tão formosa,
Tão inocente, angélica e morena
Que tem na face o aroma duma rosa
E o candor duma pálida açucena...
Tão linda que semelha
Uma linda espanhola
Em cuja boca trêmula e vermelha
Desabrocha a corola
Do beijo... Minha noiva e meu tesouro!
Consolar-me quem há de
Nas horas em que choro
De mágoa e de saudade
Por essa criatura a quem adoro
Como uma divindade?

Ai! o que me alivia
É a certeza que tenho
De que ela pensa em mim muito medrosa
Por saber que me empenho
Nas lutas sem temor como fazia
Na fratricida guerra
Que há pouco se acabou, manchando o solo
De minha nobre terra...
Ela receia ainda
(E é este o meu consolo)
Da intrepidez infinda
Com que às negras batalhas me atirava,
Enfrentando o inimigo nas guerrilhas
Ou nos grandes combates pavorosos...
O brio que eu mostrava
Se acaso uma cidade sitiava
Ou defendia-a em ímpetos raivosos,
Fazendo maravilhas
De bravura. Somente no passado
É que fulge e se encerra
Meu extinto prazer que foi gozado
Nas paragens sem fim da minha terra.

Calou-se o oficial e olhou, com mágoa,
O céu, talvez que vendo novamente
O passado. E seus olhos de repente
Ficaram rasos de água.

O companheiro diz-lhe:
– Meu amigo,

Que é isso? Está chorando?
Console-se comigo
Que também vou saudades suportando.
Sou das bandas do Norte,
Daquelas vastas zonas
Onde pompeia caudaloso e forte
Um rio enorme e turbido: O Amazonas.
Palavra ! tenho inveja desse rio,
Despótico senhor daquela plaga
Por onde rola rábido e bravo
Inundando paragens
Que, impetuoso, alaga.
Nasce lá no Peru, vê paisagens
Que parecem quimeras:
Florestas colossais onde os fulgores
Do sol ao chão ainda não chegaram,
E onde vagam indômitos selvagens,
Enraivecidas feras
E cobras multicores.
Que em suas margens, sequiosos, param.
Nele há ilhas virentes
Todas cheias de flores
E pássaros de plumas resplendentes...
Como não é soberba a madrugada
Às margens desse oceano
Que os homens chamam rio:
A passarada
Em cantos sedutores
Vai despertando; as árvores enormes,

Douradas pelo sol, tremem e lançam
 Suas sombras informes
Nas águas que de leve se balançam;
 Caem flores e frutos
No chão; as onças erguem-se; os macacos
Pulam entre os cipós tortos e fracos;
Insetos zumbem; rútilas serpentes
 Deslizam, rastejando
Entre folhas; e os rudes índios brutos.
Enfeitados de penas reluzentes,
Quedam-se, com assombro, contemplando
O sol que lança um fúlgido tesouro
Sobre a copa das árvores acesas.

Às vezes vê-se uma serpente, um touro,
Um animal que abandonou a toca,
A contemplar imóvel de .surpresas
 Alguma pororoca.
A pororoca assombra a todo mundo,
Tão estranha ela é. Enorme ruga
Surge a face das águas, incha, aumenta,
Qual uma desmedida tartaruga,
 Que, saindo do fundo
Do rio, à tona dele se apresenta...
Ruge, desliza, corre, voa e toma
Um volume espantoso; já parece
 Estranho mastodonte
 Que, pouco a pouco, assoma
No rio; desenvolve-se, escurece

Tudo em torno, doudeja, e qual um monte
Que rápido se racha, e treme, e tomba,
Ela desaba num rumor de fragoas...

Dir-se-ia que se arromba
A terra; as naus afundam-se nas águas,
Que voltam logo à calma acostumada.

Pois bem, nessa região maravilhosa
E privilegiada
Nasci...Ah minha mãe! com que amargura
Revejo a minha vida desditosa
E sinto que a ventura,
Por ser-nos boa, é falsa e mentirosa.

Minha mãe é uma santa
De cujo olhar na doce transparência
Radioso se levanta
Um astro que me leva
Em meio à negra e carregada treva
Da noite da existência!...
O mel de seu sorriso
Embriagou a minha adolescência,
Que foi um paraíso
Repleto de prazeres.
É a melhor das mulheres,
Tem a alma pura como os jasmineiros,
Que derramam no espaço
Deliciosos cheiros.
Lembra-me ainda quando, à noite, unidos
Num apertado abraço,

Olhávamos no rio refletidos
Os brilhos do luar que irradiava...
 A forte correnteza
Parecia que aos poucos se abrandava
Numa ignorada e mórbida tristeza,
 Que nos arrebatava...
 Como que andavam almas
De crianças, de monges e poetas
 Por sobre as águas calmas,
Onde o luar batia recordando
Um enxame de argenteas borboletas.
Ainda eu sinto no meu rosto o pranto
 Que ela derramou, quando
A abracei entre lágrimas... Ah! quanto
 A ausência martiriza
O coração que sofre e que precisa
Dum consolo qualquer às suas penas...
Ontem eu tinha tudo que queria,
 Agora tenho apenas
A saudade que o peito me crucia...
Mas... para que ressuscitar pesares?
Sabem? Vou terminar. Nasci no Norte
Em uma região imensa e rica
Que tem um rio gigantesco e forte,
 Florestas seculares,
Serpentes colossais, feras hediondas,
Lindos pássaros e índias espantadas,
 De amplas formas redondas...
 Terra ardente que fica
Nas linhas do equador incendiadas.

Há nela seringais de onde se tira
Toda a variedade de borrachas...
Eu sou filho daí e é por meu gosto
Que me acho com Vocês nesta campanha,
Serenos e resolutos,
De espada e de bombachas.

Com o sorriso no rosto
Termina, e o seu olhar vago acompanha
A fumaça alva e leve do charuto.

Principia o terceiro assim: Nascemos
Na mesma terra, amigos...
No entretanto que extremos,
Que diferença em nossos inimigos!
O de um é o inverno frio,
O do outro é um grande rio,
O meu é o sol. Nasci nas terras onde
Impera às vezes um verão que abrasa,
Secando as águas das fontes...
A seca é um triste quadro:

Os horizontes
Muito azuis sem a flecha duma asa;
No campo o gado como que se esconde
Em busca de água, e, sequioso, morre;
Nas árvores, despidas
De ramagens, a luz do sol escorre
Como o pranto radioso dos espaços.
Mulheres inanidas
Com os filhinhos nos braços

Atravessam a estrada enlouquecidas,
Comendo galhos secos e raízes.
 As pobres criancinhas
Já nem podem chorar, e as infelizes
 Mães para o firmamento
Erguem o olhar, exaustas e mesquinhas.
 Após tanto tormento
Morrem pelas estradas,
 Numa atitude languie,
Enquanto os filhos sugam-lhe as mirradas
 Mamas que expelem sangue.
Sou filho do sertão! Antigamente
Eu era um grande atirador. A çaça
Que eu visse estava morta, certamente.
 Ah! como tudo passa!
Adeus, noites de lua que eu amava,
E em que, ao som da viola e do pandeiro,
A tabaroa cândida dançava
 No centro do terreiro...
Adeus, *tiranas* ao luar saudoso,
Quando surgiam, frescos e risonhos,
Em minha alma, num bando vaporoso,
Como andorinhas – os primeiros sonhos...
Adeus, oh matas virgens onde tantas
Veze o meu facão limpo e afiado
Retalhou grandes cobras que, pulando
Sobre mim num furor desesperado,
 Por fim às minhas plantas
 Caíam rabeando,
Com os olhos a saltar e a boca aberta.

Vendo-as mortas, eu logo
As arrastava pelo chão em fogo
Até chegar à vila erma e deserta
Trazendo-as como louros de vitória.
Enfeitava as paredes
Da minha casa com seus lindos couros
Cheios de malhas recordando redes
De seda, e contemplava satisfeito
Esses troféus de glória,
Que me custavam tanto. Hoje é desfeito
Todo o meu gozo... Adeus, terra divina
Onde nasceu também a minha filha,
Que é formosa, risonha e pequenina
Como uma pequenina maravilha.
Não é da terra, pois a sua fala
Lembra uma língua angélica e divina,
Que me extasia e embala
Entre as nuvens dum sonho transparente...
Miragem sedutora!
Inda é tão inocente
Que nem sabe se é linda e encantadora.
Foi de certo um presente
Que o Deus onipotente
Me deu, porque ela é minha,
Que me sinto feliz por ser cativo .
Dessa pobre rainha,
Que, como um anjo buliçoso e vivo,
Apareceu um dia em minha vida
Para em céu transformá-la...

Minha filha querida
Quando anda parece-me que voa
Pelo meio da sala,
Onde sorrindo entoa
Um alegre canção desconhecida,
Se por acaso fala.
Ao vê-la, tenho orgulho e tenho pena...
Porque ela é tão afável,
Carinhosa e pequena,
Que, ao contemplá-la, fico
A um tempo venturoso e miserável.
Esse milagre imenso eu não explico:
Sou pequeno e sou grande,
Desventurado e rico!
É que esse afeto dentro em mim se expande
Por tal forma que eu temo
Perdê-la ou abandoná-la... Oh Deus supremo,
Se um dia ela deixasse o lar celeste
E eu ficasse sozinho
Ou então se eu morresse e ela ficasse
Como uma ave sem ninho,
Quanto não sofreríamos por este
Mundo!.. Basta de dor. Tenho na face
Indícios de delírio
Porque falei naquela que é meu gozo
E é todo o meu martírio.
Ah! enquanto saudoso
Sofro, ela ri talvez, porque não sabe
Como é grandioso
O afeto que em mim cabe...

Que ria sempre... e esse sorrir ditoso,
Meu Deus, nunca se acabe!
Aí parou, sentindo
Uma grande tristeza. E o que primeiro
Falou, murmura: Um amargor infindo
Nos lacerou o coração inteiro
Só porque conversamos
Sobre a terra natal onde deixamos
Os entes mais amados.

Diz o segundo: E que por tanto o serem
Tanto nos lastimamos.

O terceiro acrescenta: No entretanto,
Apesar de adorados
E de muito valerem
Para nós que os queremos,
Os deixamos porque...
Alvorçados,
Gritam os três: Porque inda é mais santo
O amor que à Pátria temos.

Nisto, um rumor metálico e estridente
Perturba a noite quieta.
Eles erguem-se... e partem prontamente
Ouvindo o tique seco da corneta.

VI

A TOMADA DA TRINCHEIRA

O COMANDANTE

A NOITE é negra, o céu lembra uma furna, o vento
Passa triste, a gemer, numa soturna voz...
Como é que iremos, pois, em tal desolamento,
Atacar o adversário estúpido e feroz?

OS SOLDADOS

A ESCURIDÃO invade o espaço, no entretanto
Não é preciso luz, pois todos nós trazemos
Dentro da alma um clarão que há de fulgir enquanto
Houver este Brasil, que tanto estremecemos.

O COMANDANTE

MAS o adversário está numa trincheira, e dela
Há de nos repelir sem nada padecer...
Amigos! bom ter um pouco de cautela...
Quem espera, jamais há de se arrepender.

OS SOLDADOS

ARREPENDER? Senhor, quem nasce nestas terras
Tem a alma varonil como os seus grandes rios
Que se elevam do chão e roncam pelas serras
E se atiram no mar, raivosos e bravios...

O COMANDANTE

E SE por um acaso ou uma fatalidade
Perdermos? O adversário há de tripudiar
Sobre nós com rancor e com ferocidade,
Rasgando esse pendão que vemos tremular...

OS SOLDADOS

IMPOSSÍVEL! Porque se mesmo um só restasse
De nós – a cena tal jamais assistiria,
Pois ele com furor, lutando face a face,
Em prol dessa bandeira amada morreria.

O COMANDANTE

REFLITAMOS, portanto... Eu juro-vos, amigos,
Que vamos afrontar ainda uma outra vez
O mais forte e o maior de todos os perigos
Sem resultado algum... e com azar talvez.

OS SOLDADOS

SE OS homens do adversário estão todos ocultos,
Avancemos então para desalojá-los,
Esmagando-os no chão, feridos e insepultos,
A fogo, a baioneta e a patas de cavalos.

O COMANDANTE

TEREMOS que lutar como desesperados...
Mas, como resistir ao ímpeto da ação,

Se sentimos sem força os braços fatigados
De tanto pelejar por esse pavilhão?

OS SOLDADOS

COMANDANTE, nós só descansaremos quando
No alto daquela bruta e colossal trincheira
Virmos, cheia de amor e estrelas, fulgurando
Como um trecho do céu, a nacional bandeira.

O COMANDANTE

E SE, quando travada a luta acerba e dura,
Por uma circunstância amaldiçoada e má,
Se tornar necessário um rasgo de loucura,
O sacrifício de um – quem se oferecerá?

* * *

Dizendo-o, o comandante olhou atentamente
Seu batalhão querido e heroico que lembrava
Uma desenroscada e fúlgida serpente
Que as escamas de aço, aos poucos, eriçava

E nisso um frenesi ansioso de embaraço
Por todo o batalhão atento percorreu...
E os soldados leais, fazendo mais um passo,
Bradaram juntamente e alucinados – Eu!

“Bravos! Cada um de vós é mais do que um gigante!
Com tão fortes heróis não recearei nada

Ao combate! Marchar!” ativo, o comandante
Disse, desembainhando a gloriosa espada.

E a tropa desfilou enérgica e radiosa
Por entre a escuridão do tenebroso véu...

.....
Depois sobre a trincheira ergueu-se, vitoriosa,
A bandeira da Pátria a recordar o céu.

VII

O HERÓI

EI-LO morto! Por fim tombou inanimado
Entre o espanto glacial da tropa que, sentida,
Se ajoelha ante o seu corpo heroico e ensanguentado...

Tinha tanto valor na luta enraivecida
Que parece que a morte iníqua respeitava,
Deslumbrada de assombro, aquela nobre vida.

Quando a luta era mais aterradora e brava,
Ele, em meio à fumaça, escura, aparecia,
E, entre as balas e o horror, intrépido, passava...

A tropa, eletrizada, ao ver-lhe a galhardia
E a bravura sem par, colérica e ofegante,
O seu vulto sereno, a delirar, seguia.

E, então, – que frenesi! O prelo nesse instante
Redobrava de fúria; o ronco da metralha
Era maior, e o chão ficava flamejante...

E ele, calmo, afrontando a raiva da batalha,
Ia a força contrária, altivo, rechaçando,
Bem como o furacão que as árvores desgalha.

Jamais alguém o viu estremecer... e, quando
O combate horroroso e incerto ia crescendo,
Sempre o viam tranquilo, as forças animando.

E, se desembainhava, entre o rugido horrendo
Dos canhões, a espelhante espada gloriosa,
Dir-se-ia ter nas mãos um facho resplendendo.

Sempre foi vencedor... A sua valorosa
Voz jamais ordenou, cheio de medo e espanto,
Uma só retirada ou fuga desastrosa

Assim o batalhão pungido chora tanto
Porque afinal morreu aquele que era forte
Como o oceano, tendo um coração de santo...

Lamenta o que jamais tremeu diante da morte,
Até ver o adversário entregue e prisioneiro
Ante o enorme valor de sua audaz corte.

Se era brando na paz, ficava sobranceiro
Na guerra, e, sendo assim, nele os soldados viam
A um tempo, um comandante, um pai e um companheiro.

Há pouco, entre o rumor das balas que zuniam,
Ele passava, quando um tiro violento
O matou; e, ao olhá-lo assim, todos sofriram.

Por isso o batalhão, neste cruel momento,
Pensa vê-lo surgir do chão onde descansa,
Tendo a espada nas mãos, como um deslumbramento...

Ergue-se a radiar, e, glorioso, avança
Com a mesma intrepidez que tinha na peleja...
Mas, vendo prisioneira uma gentil criança,
Curva a frente, e, chorando, a sua face beija.

VIII

A CARTA DO SOLDADO

MINHA mãe, ao leres esta
Não chores, que não morri...
És o amparo que me resta
E eu sou o amparo de ti.

Quando a peleja é arriscada
E temo um próximo fim,
Julgo ver-te amargurada,
Chorando longe de mim.

E isso causa-me tal mágoa
Que nem te posso contar.
Meus olhos enchem-se de água
Só por te verem chorar.

Surpreender-te não devo,
Nem te causar aflição,
Pois na carta que te escrevo
Vai todo o meu coração.

Isso prova unicamente
Que nunca hei de te esquecer...
Estejas perto ou ausente,
Eu hei de sempre te ver.

Como sabes, foi preciso
Que eu viesse e vim; depois...

Eis o problema indeciso
Que tanto aflige a nós dois.

Nas batalhas sei portar-me
Com todo o brio e valor...
Se o faço, é para tornar-me
Mais digno do teu amor.

Que martírio te consome!
Que amarguras sofro eu!
Vives dizendo o meu nome,
E eu dizendo o nome teu!

Embora viva sem brilhos,
Pobre e humilde como os cães,
Sou o mais, rico dos filhos
Porque és a melhor das mães!

Tens medo?... De quê? Receias
Que nos não vejamos... ai!
Em cismas assim não creias,
Porque também Deus é pai,

Não vês que Ele, o timoneiro
Desta soçobrança nau,
Que era tão bom de primeiro,
Hoje não pode ser mau?

As vezes penso que a morte
Pode colher-te de vez,
Tornando o homem mais forte.
No mais covarde, talvez.

Ah! se morresses, decerto
Eu, todo desilusões,
Veria o mundo deserto
E o céu sem constelações.

E, quando caísse inerte
Em abrolhos e pauis,
Minh'alma voaria a ver-te
Nos firmamentos azuis.

Ai! dos órfãos que se somem
Na infância, sem mãe, nem fé...
Têm medo de Deus e do homem,
E são espectros de pé...

As aves encontram ninhos
E flores pelos vergéis...
E eles, que são passarinhos,
Não acham poucos fiéis...

As flores perfume exalam
Aos orvalhos do arrebol...
Só eles, flores que falam,
Não têm orvalhos, nem sol.

O astro fulge nos espaços,
A abelha encontra jardins,
Somente não acham braços
Eles, que são querubins...

Para que vivas, um mudo
Voto a Deus rezando estou...

Pois, se a teu lado sou tudo,
Longe de ti nada sou.

Todos têm sua sentença...
Das nossas qual a pior?
Se a tua saudade é imensa.
Meu desespero é maior.

Ah! se soubesses com que ânsia
Eu falo de ti a sós,
Dos dias da minha infância
Tão ditosa para nós...

Se avaliasses as penas
Que sofro em torturas mil.
Por essa visão que apenas
Sorrii e voou, sutil...

Não calculas como é grande
A dor que em mim se contém,
Dor que reflui e se expande
Se o pranto aos olhos me vem.

Disseste-me com ternura
Que rezas por mim a Deus...
Oh! mãe, a minha ventura
Depende dos risos teus.

Eu, desde a mais tenra idade,
Notei (e é o que hoje se dá)

Que a minha felicidade
Nos teus prazeres está.

Da guerra o monstro estertora,
Sob os pés do anjo da paz,
Que lembra Nossa Senhora
Esmagando Satanás.

É findo o combate insano
E em breve hás de ver-me rir,
Não vás pensar que te engano
Que eu nunca soube mentir.

O soldado, embora bravo,
E esquecido pela lei...
Mas, se eu aqui sou escravo,
Nos teus cismares sou rei!

Não há pesadelo eterno
E nem eterno escarcéu...
Assim, depois deste inferno,
Ao ver-te, verei o céu.

O teu olhar, que me enleva
E nas sombras me conduz,
Há de arrancar-me da treva
Para inundar-me de luz.

Inda guardo na lembrança
Aqueles doutrinas sãs

Que me ensinaste em criança
Como relíquias cristãs...

E peço-te, em nome delas,
Que não te queixes jamais
Porque, depois das procelas,
O céu irradia mais.

Adeus! escrevi-te muito
Sem dizer tudo o que quis...
É que meu único intuito
É ver se ficas feliz.

Tranquilei-te... No entanto,
Sei que, lendo este papel,
Hás de banhar-te num pranto
Feito de sangue e de fel.

Acalma-te, e nunca chores
Que teu pranto me faz mal.
Para mim, as tuas dores
Ferem mais do que um punhal.

E abençoa o teu amante
Filho que chora porque
Fala de muito distante
Com o anjo que sempre vê.

IX

DOLOR

I

É TRAIÇOEIRO, misterioso e vago,
Como os segredos, o destino humano...
Jamais ostenta a limpidez de um lago
E encerra sempre os turbilhões do oceano.

Recorda um rio rápido e ruidoso
Gemendo entre rochedos agourentos,
Ora ao reflexo de um luar piedoso,
Ora ao açoite ríspido dos ventos.

Debalde alguém procura achar um porto,
Uma praia distante... pois se cansa,
E vê morrer com o último conforto
A chama azul da última esperança.

Estes, que vão a demandar risonhos
O país ideal da primavera,
Choram, vendo a roseira dos seus sonhos
Inda mais murcha do que de antes era.

Moços, que percorreis essas paragens
Hasteando o branco pavilhão da crença,
São fictícias e falsas tais paisagens,
E o rio é turvo, e a cerração é densa.

Abandonai a pérfida sereia
De olhos brilhantes como lantejoulas...
Não há além nem um montão de areia,
E nem encostas onde arrulhem rolas.

Voltai! A bruma, que vos cerca, em breve
Vos perderá em meio do caminho...
Assim que cai pelos vergeis a neve,
O pássaro, gritando, volta ao ninho.

E o rio corre, pula, engrossa, eleva
O dorso, desce e sobe... de repente
Despenha-se, espumando, pela treva,
Qual uma negra e horrífica serpente.

Tomba no abismo, torvelinha, arranca
Rochas, e após, enraivecido e forte,
Num oceano intérmino se estanca...
No oceano amaríssimo da morte.

Dessas águas escuras aparece
Uma nuvem, que busca a imensidade
Da alma humana onde, triste, permanece,
Porque essa nuvem chama-se Saudade!

A escuridão se extingue ante a alvorada,
Ante as luzes as trevas se consomem...
Porque só é profunda e ilimitada
A noite que há no coração do homem?

II

Estas negras ideias assaltaram
De todos o entender, quando morreste...
E, aos tristes olhos dos que te choraram,
Redivivo e sublime, apareceste...

E deles ao olhar alucinado
Se desdobrou, ao modo de um delírio,
Este martírio santo e abençoado:
Teu glorioso e homérico martírio.

Julgaram ver-te pela estrada, a face
Lívida, o olhar nublado pelo pranto,
Como um cadáver que ressuscitasse
Enchendo a todos de respeito e espanto...

Tremulamente, cavalgavas mudo
Entre os feridos... e eles, na magoada
Maneira de te olhar, diziam tudo,
Embora, tristes, não falassem nada.

E, enquanto ensanguentando-te em espinhos,
Bebias a água pútrida dos brejos,
A tua mãe guardava-te carinhos,
Alguém te dava em pensamentos beijos.

Entre gritos, lamentos e gemidos,
Bem como um anjo, impávido, seguias,
Sem reparar que todos os feridos
Sofriam mais por ver quanto sofrias.

E prosseguias silencioso... Quando
Uma árvore surgia no deserto,

Ela ia logo os ramos abaixando,
Talvez querendo ver-te de mais perto

Tinhas sede... porém, o sol brilhava
No azul, e sobre as pedras rutilantes,
Como um cofre indiano irradiava,
Derramando topázios e diamantes.

Outras vezes lançava-te nos ombros
Um manto de ouro e, em meio desta cena,
Aparecias produzindo assombros
E, ao mesmo tempo, despertando pena.

Ao despontar, a lua misteriosa
Atirava um diadema alvissareiro
Sobre a cabeça triste e gloriosa
Do glorioso e triste cavaleiro.

Quando dormias, sempre um sonho lindo
Enchia de fulgores o teu sono,
E então ficavas, plácido, sorrindo,
Bem como um rei sobre o esplendor do trono.

Sonhavas: todo o céu se abria como
As portas dum palácio de safiras,
Onde surgiam, num brilhante assomo,
Santas e querubins tangendo liras.

Desse grupo saía uma princesa
Que te mostrava as plagas venturosas,
Onde o céu tem mais astros e beleza
E a terra inteira cobre-se de rosas.

Era a Glória apontando-te o futuro
Entre as bênçãos dos homens... Num momento
Despertavas, olhando o céu escuro,
E tiritavas, tremulo, ao relento.

Ao espaço calado e pavoroso,
Como a prisão dum déspota nefando,
Perguntavas: Se em sonhos fui ditoso,
Então por que é que não morri sonhando?

A aragem perpassava em teus cabelos
Talvez como um prenúncio da agonia...
Tua frente sentia pesadelos,
Teu pobre coração tudo sentia!

Então, o céu penoso se mostrava
Pela tua infinita desventura...
O vento duas asas te emprestava,
E as estrelas chamavam-te da altura.

Quando a aurora no sangue do levante
Ia tingir a seu cabelo louro,
Qual uma deusa vinda de distante
Numa radiosa carruagem de ouro,

Continuavas a viagem, quase
Morto aos efeitos da fatal nevrose...
E o sol, que ardia entre coxins de gaze,
Dava-te a glória de uma apoteose...

III

Jamais em tua cova os negros mares
Da inveja hão de rugir... Calmai, procelas...
Benza-a o palor de todos os luares!
Sagra-a o clarão de todas as estrelas!

Será como um altar onde os vindouros
Colocarão um dia grandes palmas
De mirtos, de verbenas e de louros,
Junto com o pranto que lhes encha as almas.

A História exprimirá nestas doridas
Palavras tua abençoada sorte:
– Ele zombou da morte, erguendo vidas,
Por isso, vive inda depois da morte!

Ninguém irá chorar a sua mágoa
No teu sepulcro, onde a saudade mora...
Que em vez dessas impuras gotas de água,
O umedeçam as lágrimas da aurora.

Da tua lousa na úmida aspereza
Rebentarão com opulência as flores,
Que são a gratidão da natureza
Para os que em vida aliviaram dores.

E, então, o pensamento, hoje sombrio,
Dos que te amaram com maior ternura
Pousará, como um pássaro erradio,
Sobre o jardim de tua sepultura.

X

O CÉU

QUANDO a noite aparece, e o arco do firmamento
 Se ilumina, por todo o vasto acampamento
 Paira um grande silêncio ... É que as recordações
 Despertam no soldado um mundo de visões...
 Eles fitam cismando, embevecidamente,
 A legião formosa, áurea e tremeluzente,
 Dos astros, que no espaço estão a rutilar,
 Como flores de luz que vêm de rebentar...
 Este contempla a face ingênua e perfumada
 Da filhinha na estrela esplêndida e dourada
 Que está muito no alto, erma, a tremeluzir
 Tanto, que até parece estar querendo rir...
 Outro nela já vê a face macilenta
 Da pobre mãe, e a estrela então se lhe apresenta
 Como uma outra expressão, entristecida já,
 Pois parece que sofre e a soluçar está...
 Aquela grande estrela, em nuvens escondida,
 A outro recorda o olhar que, na hora da partida,
 Lhe lançou, a gemer, um rosto lírial:
 Sua noiva, que lembra um anjo, um madrigal
 De carne e de perfume, uma roseira cheia
 De rosas, uma aurora, um sonho, uma sereia,
 E não um ente humano, e não uma mulher...
 Esse outro, vendo além dois astros juntos, quer
 Que sejam – doce engano! – os olhos sofredores

Da esposa, que está longe a suspirar de amores..
E conversam assim com as estrelas e o céu
Os soldados, calmando o rábido escarcéu
Que sentem dentro d'alma, onde a cruel saudade
É uma constelação numa outra imensidade
Rezam baixo, e a oração, em brancas espirais,
Sobe até junto a Deus, para não voltar mais,
Porque os anjos, sorrindo, em suas leves asas
A acolheram e após foram às tristes casas
Dos soldados levar uma consolação
À esposa, à filha, à mãe que soluçando estão,
E olham também o céu, e veem nas estrelas
O filho, o amante, o irmão, que andam lutando pelas
Guerras... O firmamento assiste aos mais cruéis
Trances dos corações amantes e fiéis,
Que sofrem o martírio horrífico da ausência...
No entanto, ele não tem um pouco de clemência
Para tanto pesar e tão imensa dor...
Negro e claro, mistura às trevas o fulgor,
Como se acaso fosse um régulo africano,
Que, impassível, sereno, altivo e sobre-humano
Ostente um resplendor divino e colossal
Na cabeça, e nas mãos o cetro imperial,
Arrastando após si, como a sentir desdouro,
Um manto de cetim todo bordado a ouro.

XI

A VIVANDEIRA

NUM recanto da estrada
Despida e esbraseada
Ergue-se entre cipós a mancha informe
De uma esguia barraca esburacada,
Que assiste, muda, a um desespero enorme.

Ali dentro agoniza,
Como chama indecisa,
A vida de um herói, que se levanta
Crispando as mãos, porque falar precisa,
E sente a fala presa na garganta.

Crispa as mãos, desgraçado!
Geme, geme, soldado!
Pois morrerás sem ver aquela que amas...
Sofre, que nunca mais terás ao lado
A companheira por quem tanto chamas.

Ei-la que surge e enxota.
A tua dor ignota,
E, a beijar-te e a chorar, te limpa a blusa
Encharcada do sangue, que borbota
Dos lábios da ferida ampla e difusa...

Vês um céu deslumbrante
Como esposo ou amante,

Já que o não viste como combatente...
Por isso – que milagre! – neste instante
Apesar de infeliz, estás contente.

O soldado procura
Beijar-lhe, a face pura
E ouvir-lhe a fala que o pesar lhe afasta.
Enquanto ela ajoelha-se, e murmura
Preces ao céu, numa atitude casta.

Há tanto que erra, há tanto!
Entre o carinho e o espanto,
Para cuidar do amante e protegê-lo...
E hoje lava-lhe as chagas com o seu pranto,
Enxugando-as depois com o seu cabelo.

Veio de longe terra
Para seguir na guerra
O seu amor... Sofreu todas as dores...
E esta vale por todas porque encerra
Mais fel, mais desespero, e mais horrores...

Atravessou caminhos
E desertos maninhos,
De pés descalços, gloriosa e calma...
No entanto, há mais agrura e mais espinhos
Nesses desertos que lhe surgem n'alma.

Quando a inimiga bala
Feriu, lançando-o à vala,

O amante, ela galgou, louca, a trincheira,
Trazendo-o após extática e sem fala...
E pelo amor tornara-se em guerreira.

Guerreira que afrontara
A valentia rara
Do adversário, saltando do baluarte...
Como um herói, quando entre as balas para,
Afim de erguer um trapo do estandarte.

Com o amante, a mesquinha
Partiu, quase sozinha,
E pernitoiu nesse lugar tristonho...
E, ao ver que dele a morte se avizinha,
Sente fugir-lhe o mais formoso sonho.

Como neste momento
Pense no firmamento
Ergue aos anjos a voz sumida e fraca...
Mas esconde todo esse desalento
A indiferença muda da barraca.

Ei-lo que estende o braço
Ensanguentado e lasso,
Procurando um carinho... Triste e langue
É o seu olhar; quer, com desembaraço,
Falar, e de seus lábios jorra o sangue...

Morre, fitando o rosto
Lívido e decomposto

Da amada companheira que, de bruços,
Pende a fonte, trazida de desgosto,
E se debulha em prantos e soluços...

Por um rasgão apenas
Entra, em ondas serenas,
A luz de um astro na amplidão brilhando...
E a estrela treme tanto ao ver tais cenas,
Que parece que está lacrimejando.

XII

O COMBATE

MADRUGADA sombria... O céu tristonho como
 Os vergeis, quando o inverno, em repentino assomo,
 Aparece, encharcando a relva dos caminhos,
 Esfolhando os rosais, e desmanchando os ninhos...
 Nem ao menos de quando em quando uma ave errante
 Cruzava o azul... Um tédio infindo e penetrante
 Entristecia a terra, e a abóbada do espaço
 Lembrava um torreão feito de chumbo e de aço.
 Não se ouvia um rumor, um estremecimento,
 A não ser raramente um preguiçoso vento,
 Que passava, agitando a poeira das montanhas,
 E fazendo tremer as flâmulas... Estranhas
 E vivas sensações abalavam os peitos
 Dos soldados, que ao céu erguiam, contrafeitos,
 Um demorado olhar de dúvida e tristeza...
 Parecia, meu Deus, que a própria natureza...
 Ansiava também.

Mais tarde, quando o dia
 As brumas da amplidão nostálgica rompia,
 A cometa soou, longe, nos descampados...
 Sublimes de valor, ergueram-se os soldados
 Ao primeiro sinal de combater, e logo
 A metralha rugiu em explosões, de fogo,
 Que estrondavam no espaço, esboroando casas,
 Entre nuvens de pó, de escombros e de brasas.
 Os horrídeos canhões, postados sobre os montes,

Lembravam legiões negras de mastodontes,
De cuja boca ardente a destruição voava
Aniquilando tudo aquilo que encontrava
Diante de si... O céu enrubescia quando
Eles iam a goela horrenda escancarando,
Num vômito de chama. Os seus enormes roncoss,
Que faziam saltar pedras, homens e troncos,
Seus brilhantes clarões purpúreos e assombrosos,
Que incendiavam o espaço e os montes silenciosos,
Produziam um medo acentuado e interno,
Como se aquilo fosse um esboço do inferno.
Os ígneos projéteis vertiginosamente
Atravessavam o ar, batendo de repente
Nas casas que, aos montões, iam caindo, numa
Nuvem de pó que, como impermeável bruma,
Cobria tudo em torno... Achavam-se estilhaços
De paredes, de mãos, de pedras e de braços,
No úmido chão. No entretanto, as legiões opostas
Lutavam sem recuar, firmes e bem dispostas,
Com a ânsia dos leões que morrem combatendo,
Pois quem tomba a lutar – vence, embora perdendo.
A todos espantava o desespero insano,
Assombrador, feroz, incrível, sobre-humano,
Com que o bravo adversário, enraivecido e forte,
Afrontava o perigo, a destruição e a morte,
Escondido em covis, em buracos e em valas,
Para lutar melhor e abrigar-se das balas.

Afinal, os canhões calaram-se e, dos flancos,
Da cidade sitiada, em ríspidos arrancos,
Os soldados então desceram, suspendendo

As baionetas de aço, e foram envolvendo
 O adversário infeliz num círculo de lanças,
 Cada vez mais estreito. Os velhos e as crianças,
 Não podendo correr, morriam transpassadas
 Pelas armas. E sempre, em ordem e animadas,
 Seguiam para adiante as forças legais, cheias
 De intrepidez, com o sangue a referver nas veias..
 Caíam em porção do monte sobre o fosso
 Os sitiantes leais que, em íntimo alvoroço,
 Olhavam para o ponto onde tremiam, belas,
 As bandeiras da Pátria, enfeitadas de estrelas.
 De súbito, rolava inerte o comandante,
 Um bravo que trazia aceso no semblante
 O selo da bravura, e cuja honrosa história
 Era um belo padrão de estoicismo e glória.
 Redobrava o furor: as tropas, quase doidas,
 Avançavam, derruindo a golpes de armas todas
 As barreiras... Dir-se-ia um mar tempestuoso
 Submergindo batéis e rochas... Pavoroso
 Delírio! Cada vez o círculo ficava
 Menor... A vaga pouco a pouco se encrespava,
 Rodeando o adversário entrincheirado e aflito,
 Que não gemia ai! e nem soltava um grito.
 Era de horrorizar! Nesse cruel momento
 Estranha aparição no azul do firmamento
 Surgia; uma visão dulcíssima e formosa
 Como a alvorada, um anjo, um pássaro ou uma rosa.
 Então, a luz do sol, em uma labareda
 Voraz, incendiava a deslumbrante seda
 Da cúpula infinita, enchendo-a de esplendores,
 Tornando-a um jardim de luminosas flores.

E a miragem sorria extasiada e pura
Aos soldados que, quase escravos da loucura,
Sem receio nenhum, expunham mais a vida,
Porque viam sorrir a Pátria agradecida...

Tornava-se mais feia a tétrica batalha...

O adversário, que a fúria imensa da metralha
Dizimara, apesar de exausto, não cedía
Um só palmo de terra e, quando algum caía,
Os companheiros logo o apunhalavam para
Não ser aprisionado... Heroicidade avara!
Os fortes batalhões premiam pouco a pouco,
O adversário que, audaz, inconsciente e louco,
Resistia, lembrando em seu constante aferro
Um touro a revolver-se entre grilhões de ferro.
Um assombro! As legiões armadas prosseguiam
Na investida, pisando aqueles que morriam,
E a mergulhar os pés em borbotões de sangue.
Aqui, no duro chão, extenuado e langue,
Ansiava um combatente; adiante, na barranca,
Gemia um capitão de barba longa e branca
Que, ao transpor a montanha, erguendo a espada nua
Na mão, veio uma bala impiedosa e crua
Feri-lo e arremessar de cima do cavalo,
Que, espantado, fugiu ante tamanho abalo.
Enfim se viam sobre o chão montes enormes
De feridos os quais, horríveis e disformes,
Olhavam com tristeza os membros, que eram trapos
Pendurados do tronco, ou trêmulos farrapos
Humanos, a sangrar. Da vastidão infinda,

O sol, numa veemência irradiante e linda,
 Atirava-lhes, meigo, uma porção de raios
 Nas feridas, que, a arder em rútilos desmaios,
 Se cobriam de luz e pedras preciosas...
 Depois, em vibrações ardentes e formosas,
 Lançava-lhes na frente uma coroa. Era
 A glorificação puríssima e sincera
 Do céu, do sol, enfim da natureza amante
 Ao muito destemido exército pujante
 Que, cada vez mais forte, ia avançando. Nada
 O aterrava. O adversário, então, vendo fanada
 A esperança, dispôs uma fogueira horrível
 E esperou. Logo após se viu o mais terrível
 Quadro: velhos, de olhar horrífico e severo,
 Jogavam-se no fogo; homens com desespero,
 Lançavam-se também por entre as brasas quentes,
 Crispa as mãos, olhando o céu, rangendo os dentes.
 Com as carnes a chiar incendiada pelo
 Fogo que lhes torrava os olhos e o cabelo...
 As mães, sentindo na alma impetuosas flamas,
 Com os filhinhos no colo, atiravam-se às chamas...
 Era um drama de dor aquele atroz martírio,
 Como um sonho horroroso em noites de delírio!
 No entanto, mais adiante aquela gente bruta
 Provocava de novo a encarniçada luta...
 Inda outra vez o solo enchia-se de mortos
 E feridos que ali, cheios de desconfortos,
 Choravam, não de medo, e sim porque num sonho
 Eles viam surgir o passado risonho,
 Quando em seus corações desabrochavam calmas
 As ilusões, assim como em Setembro as palmas

Se enchem de flores... Tempo abençoado e leve,
Que, por ser tão feliz, foi que passou tão breve!

De repente, o rumor estúpido e selvagem
Do combate os detinha em meio da viagem
Que faziam da infância à atualidade. Tontos,
Dirigiam o olhar para todos os pontos,
E viam no ocidente o sol cair tranquilo,
Mostrando-se, portanto, indiferente àquilo.
Expiravam alguns e, como borboletas,
Suas almas ao céu voavam irrequietas...
Outros, ardendo em ânsia, ouviam silenciosos
Os ruídos infernais, bruscos e estrepitosos,
Da peleja inda incerta e que, por esta causa,
Se encarniçava mais e não fazia pausa.
Dir-se-ia um grande circo onde rugissem feras,
Ou um terremoto hediondo a escancarar crateras!
Era a tropa que, numa inconcebível fúria,
Avançava, gloriosa, enérgica, purpúrea.
Destroçando o adversário a ferro, a fogo e a lança,
Numa sede sem fim de raiva e de vingança,
Por ver que ele, apesar desses reveses, doido,
Era vencido só em parte e não de todo,
E sustentava a luta, ainda depois disso,
Sempre raivoso, firme, impávido e insubmisso.

.....

O combate acabou, quando na imensidade
A lua apareceu, triste como a orfandade.

XIII

A AGONIA DO FERIDO

I

VEIO para o hospital um destemido, um forte,
Que, arrostando o furor da luta enraivecida,
Viu surgir de repente a escuridão da morte
Na limpidez azul do céu de sua vida.

Como a águia acostumada a devassar o espaço,
Tinha a feição de quem se habituara às lutas...
Dentadura de jaspe e músculos de aço,
E uns ombros rijos como as rijas pedras brutas.

No entretanto, uma bala aniquilou sozinha
Tamanha robustez, e ele, tremente e doido,
Ao sentir o seu crânio arrebetado, tinha
Ímpetos de abatê-lo e esmigalhá-lo todo

Em breve morreria... A sua hercúlea face
Descorava de todo, e em seu olhar havia
O brilho que há no céu assim que o dia nasce,
E o palor que o céu tem, quando se extingue o dia.

Balbuciava uns sons tristíssimos, lembrando
Os soluços do mar... e uma paisagem linda
Pairava-lhe no olhar, misterioso e brando...
Ai! No último instante ele sonhava ainda!

E que via o infeliz em seu delírio? – A casta
Noiva beijando-o, como um relicário santo...
Hauria todo o olor da sua trança basta,
E ouvia a sua voz, que recordava um canto...

Via a igreja onde, a vez primeira, viu sorrindo
Com seu corpete branco e sua saia escura,
A mais querida flor, o serafim mais lindo,
Que no mundo surgiu, em moldes de criatura...

O sino que chamava à missa os habitantes,
Entre os quais ela ia, afável e travessa,
Ostentando no olhar um cofre de diamantes,
E uma rosa em botão na trêmula cabeça....

A árvore, onde a beijou nos perfumados jambos
Dos seus seios em flor, o plácido retiro
Que os ouviu a jurar – a que um morresse, ambos
Morreriam também, num único suspiro...

As noites de luar em que vagavam pelas
Estradas, permutando afagos e carinhos...
Os olhos dela, então, eram duas estrelas,
E eram os olhos dele um par de passarinhos.

Depois meteu a mão sob a grosseira blusa,
E tirou uma carta, a estremecer de zelos...
Olhando-a, distinguiu uma letra confusa,
Uns protestos de amor... e um cacho de cabelos.

O rosto se lhe encheu de lágrimas copiosas,
Como por sob a ação duma indomável ânsia...
Talvez visse, escondida entre árvores frondosas,
A singela casinha, onde passou a infância.

Ah! via os seus irmãos, o prado, os bois tristonhos,
O rio, onde, ao luar, o jangadeiro canta,
E, por sobre isso tudo, os olhos bons, risonhos,
De sua velha mãe, tão pobre quanto santa.

E um sargento sentiu a dor que não se estanca
Duma saudade atroz... Viu sua mãe, já morta,
Levantar-se da campa, iluminada e branca,
Para abrir-lhe do céu a coruscante porta.

O seu olhar materno, o seu olhar piedoso
Abençoava-o todo, em êxtase de crente...
Depois se evaporou no espaço silencioso,
Que ficou obumbrado, inesperadamente.

E o sargento a chorar beijou o herói sereno
Na sua dor, lembrando a luz que o ocaso expande...
E nunca ele se viu na vida – tão pequeno!
E em sua vida nunca ele se viu tão grande!

Agasalhou-o bem, assim como se fosse
Um filho seu, que visse inerte e moribundo.
De repente, parou ao ver como era doce
Dó agonizante o olhar nostálgico e profundo...

É que ele via ainda o longe paraíso,
Sua terra natal, o humilde lugarejo,
Onde a noiva lhe deu o seu primeiro riso,
E onde ele lhe depôs o seu primeiro beijo!

II

Aquietou-se. Talvez adormecesse... Os braços
Se lhe esfriaram, como os mármore funéreos,
E os seus olhos sem luz tornaram-se tão baços
Como os fogos que, à noite, erram nos cemitérios.

Sob a pompa do sol, os míseros feridos
Comentam entre si os últimos combates,
Abrigando, a gemer, os membros bipartidos,
Escondendo do sol as chagas escarlates.

Falam sobre o porvir, pensam ganhar dragonas,
Uma vez que se acabe a horripilante guerra.
– E este rasga raivoso as sujas pantalonas,
Que lhe roçam a chaga... e estorce-a por terra...

Volta o silêncio... Já planejam sobre a volta
Ao lar, onde uma paz interminável brilha...
E um deles tristemente um longo beijo solta
Em tenção da risonha e pequenina filha...

Lembram o orgulho que hão de ter, contando em casa
Seu estoico valor nesta campanha inglória,
Que deixou um herói em cada cova rasa,
E em cada herói legou uma lição a História.

Um diz: “Adivinhei em ter sentado praça!
E, em havendo outra guerra, eu lutarei de novo,
A zombar do perigo e a rir-me da desgraça,
Para vingar o nome e o brio do meu povo!”

E, cheio de altivez, olhando os companheiros,
Mostra o peito ferido em baixo da camisa.
Enquanto ao lado seu, nos transes derradeiros,
Um outro denodado, em ânsias, agoniza.

Adiante aquele diz: “Olhai-me! Acho-me todo
Ferido! Tende dó! Pareço-me com Cristo...
A causa disto foi meu heroísmo doido,
E a morte talvez seja a recompensa disto!”

E o que sonhou com a igreja, os piados e o arvoredor
Da terra onde cantou o seu primeiro engano,
A agonizar, lembrava um rígido rochedo
Dourado pelo sol, batido pelo Oceano.

Estava inteiriçado e frio... Eis quando o toque
De vitória se ouviu vibrar no acampamento,
E por todos correu um poderoso choque,
Que os emocionou, num arrebatamento...

Uma alucinação: – clarins atroadores
Atravessando o azul, desembanhar de espadas,
Hinos, aclamações, ruídos de tambores,
Cometas a bradar, bandeiras desfraldadas...

Feridos a arrastar-se em grupos espalhados,
Como tristes visões de mágicas lanternas;
Uns levantando no ar os braços mutilados,
Outros a rastejar, sem braços ou sem pernas...

Lágrimas de prazer, gritos de entusiasmo,
Um frenesi por fim... E, puro como um lírio,
O agonizante ergueu-se, entre um enorme psmo,
Sublime em seu glorioso e esplêndido delírio.

Ergueu-se! Parecia um redivivo aquele
Que, há pouco sobre chão, nem mesmo respirava...
Tremia um resplendor em torno a fronte dele...
Tinha bênçãos no olhar altivo... Cintilava...

Ergueu-se! Recordava um monumento feito
De alabastro real ou de marfim antigo.
Olhou o pavilhão brasílio, satisfeito,
Como se olhasse acaso o seu maior amigo.

Todos, ao vê-lo assim, encheram-se de assombro,
Crendo que essa figura alevantada e louca
Suspendia uma lança adamantina ao ombro,
Com auroras no olhar e exclamações na boca.

Lembrava um enviado, um anjo que a paragem,
Do céu deixasse, como os que há nos Evangelhos...
Junto dele, a rezar, ia passando a aragem,
E dir-se-ia que o mundo o olhava de joelhos.

Hirto, de pé, ficou superior a tudo...
Mas vendo os batalhões – que cívico tesouro! –
Cambaleou, caiu... E grande, e nobre, e mudo,
Morreu...
O sol subia, amortalhando-o em ouro.

XIV

OS DOIS CADÁVERES

EI-LOS unidos... A irrisão da sorte
Irmanou-os na fúnebre jazida.
Como é tocante a paz feita na morte!
Como foi triste a guerra feita em vida!

O fanático ainda no semblante
Mostra a expressão de cólera infinita
Com que avançava, rábido e anhelante,
Em meio à luta homérica e maldita.

Como que ainda em suas mãos calosas
Refulge o bacamarte, cujos tiros
Gritando, em vibrações estrepitosas,
Enchiam de pavor estes retiros.

A esfarrapada e mísera roupagem,
Que lhe serve na campa de mortalha,
Mil vezes viu sua feroz coragem
Nos mais horríveis transes da batalha.

Esses cabelos duros e compridos,
Como a juba de um búfalo ou de um touro
Se eriçavam nos prelos desabridos,
Sob a frieza do chapéu de couro.

Por isso quem o vê sente um assombro,
Quando emoção mais tétrica não sinta,

Pois julga vê-lo de espingarda ao ombro,
Na mão – cartuchos, e facão à cinta.

Vê-se também no rosto do soldado
O entusiasmo ardente do guerreiro,
Que no fero combate encarniçado
Queria ser dos bravos o primeiro.

A sua mão esquelética e desfeita
Parece ainda procurar a espada,
E a baioneta fulgurosa e estreita,
E a auriverde bandeira constelada.

Dir-se-ia que ele se ergue de repente
E, atirando-se à luta, anima os fracos,
Que vem que as balas temem o valente
E o boné lhe circunda de buracos.

A farda que lhe envolve o corpo duro
É um padrão de heroísmo e de desgraça,
Pois tem as nódoas de seu sangue puro
E exala ainda um cheiro de fumaça.

Como se fossem grandes inimigos,
Furiosos bateram-se na guerra...
E agora dormem como dois amigos
No seio maternal da mesma terra.

Cenas de paz, inteiramente opostas,
Sugere esta... O fanático robusto
Ergue-se e vai, levando a enxada às costas,
Lavar a terra do sertão adusto.

O soldado da cova se levanta,
E, tendo n'alma um êxtase divino,
Fita a bandeira idolatrada, e canta
O hino da pátria, o seu querido hino...

Mas é tudo ilusão, porque sombrio
Quadro se ostenta, apavorando tudo...
E no seu leito eternamente frio
Cada qual dorme eternamente mudo.

Mas a pátria bandeira gloriosa
Deve cobri-los neste isolamento,
Como um palio de seda luminosa,
Como um pedaço astral do firmamento.

Até parece que ela se abre, e, lenta,
Cobre os guerreiros, qual se fora um manto...
E, então, em vez de estrelas, apresenta
Bagas dolorosíssimas de pranto.

XV

OS PRISIONEIRO

I

A NOITE corre mansa... A lua melancólica
Fulge na vastidão, e sua branda luz
Desce, e bate, assim como uma cascata esplêndida,
Sobre os rochedos nus.

Desce, ilumina tudo, e cai desfeita em pérolas
Numa árvore mirrada, enchendo-a de um milhão
De ninhos de ouro que entre a ramaria trêmula
Aparecendo vão.

Rasteja, lança fogo às pedras, irradia-se
No chão, em um suave e olímpico fulgor...
E de uma podridão faz rebentar de súbito
Um jasmineiro em flor.

Aqui – sobe e incendeia uma ruína lúgubre,
Como um palácio em cujo encantador jardim
Há tanques de alabastro, elefantes de mármore
E cisnes de marfim.

Ali – acende e encanta uma floresta insípida...
E com arroubamento erguem-se a declamar
Reis de manto faiscante, e em cujas mãos esqueléticas
Lembra um cetro ao luar.

Em negra legião, espectros cadavéricos
Saem, a soluçar, de dentro dos covis...
E torcem-se, a subir pelos troncos das árvores,
Fantásticos répteis.

Princesas líriais erguem os braços lívidos
Ao céu... Pedem piedade... E, medrosas, após
Correm, vendo a seguir seus passos – hipopótamos,
Cada qual mais feroz.

Correm, gritam, e, enfim, caem no chão exânimes...
E os monstros infernais devoram-nas sem dó,
Deixando no lugar de suas carnes tépidas
Esqueletos e pó.

Adiante uma porção de corpos quase pútridos
Sem olhos, nem nariz – e onde se satisfaz
Um bando aterrador de vermes e de pássaros,
Cada qual mais voraz.

Cabeças a rolar ao som de tristes músicas,
Que entoa a viração, e a humanidade em vez
De tremer disto, trema ante um quadro mais horrído
E mais cruel talvez.

II

Que profunda tristeza!
Dir-se-ia que toda a natureza
Está rezando agora.
Enquanto a lua, branca de surpresa,
Percorre o espaço, antes que venha a aurora.

Os vencidos em alas,
Fitam os astros, que derramam galas
Pelo céu glorioso...
Talvez se lembrem do zunir das balas,
Ou dos rugidos do canhão raivoso.

E, então, uma atrevida
Voz diz bem alto “Não nos intimida
Tão desgraçada sorte...
Quem, como nós, barateou a vida,
Sem medo algum há de afrontar a morte!”

Mas, antes que os abrace
A negra noiva, o ódio que neles nasce,
Os torna redivivos...
Têm a arrogância dos chacais – na face,
No olhar – a audácia dos leões cativos.

Um deles diz: “O pranto
Nunca manchou meu rosto, mesmo enquanto
Aos mais duros reveses...
Fui ferido três vezes, no entretanto,
Apesar disso, combati cem vezes”.

Carrega as sobranceiras,
Porém não geme Irradiações vermelhas
Lança dos olhos braços
Ao dizer: “Da peleja entre as centelhas,
Não se cansaram nunca estes meus braços!”

Derrama um olhar brando
Em torno, e continua: “Andei zombando

Da inimiga bombarda,
Pois morria um soldado sempre quando
Eu puxava o gatilho da espingarda.

E se eu ainda tivesse
As armas que já tive, se eu pudesse
Findar esses azares,
Minha espingarda, que ninguém conhece,
De novo iria enfumaçar os ares”.

Cala-se... A contragosto
Os outros cismam porque esse desgosto
Os torna mais altivos...
Têm a arrogância dos chacais no rosto
No olhar – a audácia dos leões cativos.

Ei-los enfileirados...
Alguns têm já do tronco pendurados
Os membros quase inermes,
Onde fervilham, frios e esfomeados,
Num pulular horripilante – os vermes.

Para que o quadro seja
Completo, ali chorando rumoreja
Um bando de crianças...
E só o vento é que, passando, as beija!
E o luar somente é que lhes banha as tranças!

Erguem as mãos mimosas,
Em orações ardentes, fervorosas,
Ao alto firmamento,

Para encontrarem proteções piedosas
Só na lua e no vento.

Esta não tem metade
Dum braço que a diabólica maldade
Duma bala inclemente
Levou! No entanto, ri... Ditosa idade,
Porque não duras tu eternamente?

Aquela já nem pode
Chorar... Com mãos magríssimas sacode
As moscas famulentas,
Que lhe comem a chaga, donde explode
Fétido pus em explosões violentas.

Outra, doida de fome,
Sem ter pais, grita, balbuciando o nome
De Deus, trêmula e nua...
No entanto, a sua vida se consome
Ao brilho vago e místico da lua.

Uma outra, fria e absorta,
Diz: “Ai! Eu vi minha irmãzinha morta
Ser lançada, entre o riso
Duns homens, ao sepulcro... Indigna porta,
Esta que a conduziu ao paraíso!”

Diz-lhe um astro: “Que engano!
Ela, que foi um querubim humano,
Está dormindo apenas
Sob uns palmos de terra onde, todo ano,

Rebentarão boninas e açucenas.

Aquela ao astro, rindo
Pergunta-lhe se o irmão, que era tão lindo,
Tem também igual leito...
– Está agora entre jasmims, dormindo,
Com as duas mãos cruzadas sobre o peito.”

Pensam todas que a ausência
Dos pais não será longa... E uma inocência,
Que o verso não descreve,
Faz com que elas cobicem a existência,
Crendo seus pais hão de voltar em breve,

Quem cruza este caminho
Sente ferir-lhe a alma o agudo espinho
Duma dor infinita...
Qual uma pomba que saiu do ninho,
E voa... e sobe... e cai do espaço... e grita!

Felizes as crianças,
Das quais somente a lua afaga as tranças,
E só o vento as beija...
E cujas vozes lânguidas e mansas,
Lembram rezas soando numa igreja.

Adiante se erguem quantos
Semblantes de mulher vertendo prantos,
Tendo no olhar uns brilhos
Castos... que só os pode ter tão santos
O olhar das mães, vendo a sofrer os filhos.

Levantam suplicantes
Os braços para Deus, e, soluçantes,
Atiram-se por terra...
E Deus como que muda em diamantes
Esse pranto que tanto amor encerra.

Deliram... Uma delas
Mostra as criancinhas nuas e amarelas
À lua branca e linda...
E diz: “Tende clemência de tão belas
Aves que sofrem sem voar ainda!”

Amamo-las com o grande
Amor de mãe, que no pensar se expande,
E aumenta na desgraça...
Dai-nos uma ilusão que nos abraque
A dor, ou menos inclemente a faça.

Em breve morreremos...
E elas, que são o bem que mais queremos
Pelo universo inteiro,
Hão de morrer também nestes extremos?
Oh! Se assim é, morramos nós primeiro!

Almas das nossas almas,
Nutrimo-las com o sangue... São as palmas
Que vemos nos martírios...
E não de morrer sem pão – aves tão calmas!
E não de murchar sem luz – tão pobres lírios!

E, linda como Vênus,
Surge no céu, em cândidos acenos,
Uma visagem branca,
Que, sorrindo, estes módulos serenos
Dos lábios cheios de ternura arranca:

III

Mulher, no mundo existe uma alvorada pura
Que em certas almas lança alvíssimos clarões,
Enche de crença e amor uma existência escura,
E um peito já sem fé inunda de ilusões.

Esta alvorada irrompe há muito tempo sobre
A desventura humana, e a sua fulva luz
É um manto de rubis onde se abriga o pobre,
E que fulgiu no olhar de Cristo sobre a Cruz.

Vem do alto... E desde quando apareceu no mundo
O homem primeiro, em si tendo a primeira dor,
Ela surgiu, sorrindo a todo o moribundo,
E a todos concedendo o seu divino amor.

Partiu, iluminando o azul da imensidade
Com seu piedoso olhar, que à terra veio ter
Como um consolo para a dor da humanidade,
Que desde então sentiu que era preciso crer.

Agasalhou no seio as mansas andorinhas
Que voavam, sem ninho... E, carinhosa, após
Os braços estendeu as loiras criancinhas,

Que queriam falar, porém não tinham voz.

Por onde ela passava um resplendor imenso
Seguia-a. O vasto céu tornava-se em altar...
E o humano coração extático e suspenso
Dos seus lábios, tremia a rir... e a soluçar.

Se via alguém chorar, angélica e sagrada,
Ela voava para acalantar-lhe os ais...
E assim fazia rir a face descorada
Dos que, com tanta dor, já nem sorriam mais.

Aos que não tinham lar mostrava o firmamento
Como um palácio de ouro onde fulgia o sol
Que afugentava a noite, e de onde vinha o vento
Os ciprestes beijar, nas horas do arrebol.

Esta aurora inda existe, e há de existir enquanto
Houver ninhos na terra e estrelas na amplidão,
E escorrer por um rosto, em pérolas – o pranto,
E palpitar no mundo o humano coração!

* * *

A pobre ri, então, como se o anjo lhe fosse
Um prenúncio qualquer...
Seu olhar tem o brilho incompreendido e doce
Que só têm o luar e os olhos da mulher...

Ajoelha-se... E radiosa, angelical, serena,
Chora e exclama depois:

– Doce imagem da fé, julguei que sereis pequena,
E agora vejo quanto ilimitada sois...

Depois de erguer as mãos, extática e surpresa,
Suspirou e morreu...
E o céu então fulgiu com muito mais beleza,
E a terra palpitou, e a lua estremeceu.

É que a alma da infeliz, voando alvissareira,
Fundiu-se com o luar,
Que da pobre acolheu a benção derradeira,
A derradeira prece e o derradeiro olhar...

Por isso a poesia e o resplendor, que encerra
Da noite o lindo véu,
São as almas ideais dos mártires da terra,
Que vão, depois da morte, iluminar o céu.

XVI

O INCÊNDIO

SURGE uma labareda, e outras depois, e ainda
Outras muitas, até que, em legião infinda,
Dominam com violência a tétrica cidade
Em uma chama só que, impetuosa, invade
Tudo o que encontra, e após atira para o espaço
Lanças de ouro, punhais de prata, setas de aço,
Enchendo de rubis as nuvens, e adornando
De coroas reais os montes... Vai galgando
O espaço, qual se fosse uma serpente enorme,
Que, torcendo raivosa a cauda desconforme,
Se enrosca, e ergue a cabeça, e após se desenrosca,
E pula, e curveteia, esbraseada e fosca,
E se empina no ar, e silva, e grita, e geme,
Por ver que ainda tem vida a presa... A terra treme...
A viração parece um hálito do fogo
Que, cansado, respira em doce desafogo,
E recrudescer após, enérgico e violento...
A cidade se banha em um deslumbramento
Horroroso... Parece até uma fornalha,
De onde em múltiplos sons o estrépito se espalha
De casas a ruir atoadoramente
A pressão dos anéis da rábida serpente,
Que se esgueira, e depois surge, viva e triunfante,
Aqui, um pouco além, e muito mais adiante...

De quando em quando se ergue outro réptil que passa
Escurecendo tudo, e some-se... É a fumaça
Que volteia no azul, se desenrola, cresce,
Rareia, se desmancha, e, enfim, desaparece
Como um véu...

A cidade está desfeita em brasas...
Uma, e outra depois, foram caindo as casas...
As chamas infernais, brutas e malfazejas,
Incendiaram já as rústicas igrejas,
Cujas torres – que horror! – outrora tão queridas
E tão perto do céu, não foram destruídas
Pelo incêndio brutal, porque antes os soldados
As tinham derruído a tiros continuados
De canhão... Felizmente, as duas altaneiras
Torres, que eram também horríficas trincheiras,
Não viram este quadro...

As impiedosas chamas
Fraqueiam; a serpente as rútilas escamas
Encolhe que a cidade é uma ruína, e nela
O incêndio se fartou...

Ante tão negra tela,
Os prisioneiros têm nas profundezas d'alma
Um desespero atroz, que aumenta e não se acalma...
Não verão nunca mais a idolatrada igreja,
A casinha de palha, o cemitério... Adeja
Nos seus peitos a dor como um abutre horrendo...
Parece um pesadelo a cena que estão vendo...
Olhando para o céu brilhante e ensanguentado,
Este grupo infeliz e desesperançado

Abaixa a fronte, e cisma ante o presente...

E, enquanto

Pelos seus rostos corre em borbotões o pranto,

Passa uma ave a cantar pela amplidão afora

Porque pensa que vê o despontar da aurora.

XVII

CRIANÇAS PRISIONEIRAS

O PRÓPRIO Deus, lá da altura,
Há de encher-se de clemência,
Vendo como a desventura
É má para com a inocência.

Não há cenas mais tristonhas,
Nem de tamanha aflição:
Bocas, outrora risonhas,
Murchas à mingua de pão.

Crianças! Num leve adejo
Procurais o paraíso
Pois Deus formou-vos de um beijo
E uma lágrima e um sorriso...

E apontou-vos os caminhos
Do mundo para que após
Mudásseis lares em ninhos,
De onde as aves fosseis vós.

E a terra – não se descreve!
Sentiu-se como encantada...
A noite ficou mais breve,
E mais extensa a alvorada.

A brisa viu, num suave
Concerto de luz e amor,

Em cada galho uma ave,
E em cada folha uma flor.

Lembrando irmãs amorosas,
Beijaram, irrequietas,
As borboletas às rosas,
E as rosas às borboletas.

Desde então mais calma e nua
Ficou a face do mar...
Vieram as noites de lua...
Pois não havia o luar.

As mães, olhando, extasiadas,
Do sol os brilhos dispersos,
Pensavam que as madrugadas
Nasciam dentro dos berços.

E esta ao filho, com surpresa,
Dizia: – Deus quis por fim
Dar a ti toda a beleza,
E todo o carinho a mim...

No entanto sois tão pequenas
E não achais agasalho...
Quem vos negou, açucenas
A doce esmola do orvalho?

As vossas bocas vermelhas
Eram o amor de um vergel...
Quais foram, pois, as abelhas,
Que vos roubaram o mel?

Tivestes beijos e afagos,
Mas hoje a fatalidade
Fez vossos dias pressagos,
Ainda no albor da idade.

Sois como as aves implumes
Que um dia a desgraça quis
Arrancar de entre os perfumes
Dos quietos ninhos gentis.

Porque estais presas, dos vossos
Pais, inflexíveis na guerra,
Talvez, com furor, os ossos
Tremam debaixo da terra.

Eles morreram lutando
Em delírios infernais,
Como rochas desabando
Ao choque dos vendavais.

No entanto, de vós agora
Fogem tão negras lembranças,
Que os mochos fogem da aurora,
E a aurora é como as crianças.

E ainda que o mar vasto e forte
Da vida vos seja mau,
Para os náufragos da sorte
A crença é uma grande nau

Morreis de fome... No entanto,
As aves cantam... No espaço
O sol desenrola um manto
De lentejoulas e de aço.

Os homens riem-se, vendo
Que ides morrer como cães...
Ai! que pesadelo horrendo
Para aquelas que são mães.

Em uma profunda ânsia,
Deus, da paragem sidérea,
Deu toda a grandeza à infância,
E aos homens – toda a miséria!

Os vossos peitos sagrados
Mostram, num rútilo véu,
A prima dos prados,
E as madrugadas do céu.

Os corações pervertidos
Dos homens são como grutas,
Onde há monstros escondidos,
E serpes e feras brutas.

Buscai o ventre das covas,
Que da terra nos pauis
Brotareis em flores novas
E em borboletas azuis.

XVIII

A CARAVANA MALDITA

SOL em pino...

Lá vai seguindo a caravana...

São mães que olham o céu, quase que espavoridas,
Porque sentem em si a maior dor humana
Vendo os filhos, que são as suas próprias vidas,
Morrerem como cães famintos pela estrada...
São crianças que têm chagas verdes e foscas,
Onde zumbe e voeja a nuvem iriada

De um enxame de moscas...

São velhos, cujas mãos se torcem furiosas,
Como que a perseguir vultos imaginários...
Fuzilam-lhes no olhar noites tempestuosas,
Perpassam-lhes na voz uivos extraordinários...
São donzelas em flor que cismam tristemente,
Com os seios sob as mãos, cheias de piedade...
Rutila-lhes na frente um nimbo refulgente,

Puro como a saudade...

E assim, enquanto o sol abre vulcões no espaço,
E, em meio à vastidão, seus raios espadana,
A arrastar-se, a gemer de dores e cansaço,

Lá vai a caravana...

Tudo é seco em redor... As árvores despidas
Como que têm agora uma ramagem de ouro,
Grandes flores luzidas

E ninhos a cantar... Derrama-se um tesouro
No chão que se ilumina, e chagas hediondas

Transformam-se em rosais esplêndidos e frescos,
Ou pedras colossais formosas e redondas,
De escrínios principescos...
Ante esta gloria, avança
A caravana, enquanto o sol, do firmamento,
Mantos de ouro lhe lança,
Momento por momento.

Os prisioneiros vão marchando, rodeados
De tranquilos soldados,
Que têm a gloria a rir nas claras baionetas...
Morrem uns de fadiga e sede nos caminhos,
E os outros a gemer seguem, deixando trapos
E carnes nos espinhos...
As crianças gracis; que foram borboletas,
Agora lembram sapos...
E, em meio deste horror, alucinado e fero,
Parte da caravana
Uma voz glacial, cheia de desespero,
Traduzindo talvez a maior dor humana:

– Minh'alma desesperada
É como a noite – ai de mim!
Mas esta tem a alvorada,
E a minha noite é sem fim...

Vi o meu filho com sede,
E vi-o morrer à fome...
Meu martírio não se mede,
Porque não pode ter nome...

Morre a voz pouco a pouco,
E a caravana triste e lúgubre caminha...
Parece que tudo isto é uma visão de louco,
Um quadro que se vê e se não adivinha...
Ouve-se uma outra voz a soluçar, que é tanta
A atroz desolação de que ela se colora,
Que a mísera que canta
Dir-se-ia que chora:

– Sou virgem, a minha face
Parece mais uma flor,
De onde o matiz se tirasse,
E após se tirasse o olor...

Minh'alma era um passarinho,
Que dormia entre açucenas...
E agora geme sem ninho,
E agora sofre sem penas...

Novo silêncio... Após surge outra voz tão triste
Como um dobre de sino,
Encerrando o amargor que só no peito existe
De quem vê sempre escuro o céu do seu destino:

– Sou muito velha... Meus netos
Onde foram, onde estão?
Ai! foram-se meus afetos,
Mas ficou-me o coração...

Eu, que morri muitas vezes
Minha prole morrer vendo,

Para maior dos reveses
Agora vivo... morrendo

Depois é uma voz mansa,
Porém, angustiada... como uma elegia
Que pálida criança
Chorando balbucia:

– Por fim meus olhos secaram
Ao rigor deste pesar,
E, de tanto que choraram,
Já não podem mais chorar...

Sou uma ave que esvoaça,
Fatigada, sobre escolhos...
Para ver tanta desgraça
Antes me furem os olhos...

Repassada de dor e fel e desventura,
Uma outra voz murmura:

– A terra estava lavrada
Para muito se colher,
Mas abandonei a enxada,
E também fui combater...

Ferido embora, e humilhado,
Sinto maior agonia
Vendo o campo abandonado,
E a terra toda vazia...

Numa curva da estrada a legião maldita
Desaparece... A treva ameaçadora invade

O azul da imensidade,
Que parece uma estrada esplêndida e infinita,
Por onde vai seguindo
A caravana ideal e clara das estrelas.

E os míseros, olhando o céu radiante e lindo,
Pensam que os astros de ouro
São as almas líricas dos mortos adorados,

Que, enquanto eles no mundo, exaustos e magoados,
Sofrem penas, que só o inferno há de contê-las,
Atravessam o céu, claro como um sorriso,
Em um cortejo louro,
Demandando o caminho azul do paraíso...

XIX

OS CÃES

I

QUANDO o canhão raivoso atordoava o espaço
Lançando em toda a parte as sombras do terror,
E morriam, dormindo, as crianças no regaço
Das mães que, olhando o céu, vasto zimbório de aço,
Pediam compaixão, misericórdia e amor...

E os homens, a gemer, caíam mutilados,
Quase cegos de fúria e desesperação,
E pedaços de mãos e crânios decepadados
Voavam, a recordar trapos ensanguentados
Passando na amplidão...

E no solo, aos montões, rolavam os feridos
Chamando pelos seu em cruciantes ais,
Somente vós, oh cães, íeis, compadecidos,
Enxugar-lhes com ânsia os membros doloridos
Para que as chagas vis lhe não doessem mais.

Éreis doces e bons... Tínheis no peito anseios
Como os pássaros, quando erram por sobre o mar,
Nos pelos – o calor dos amorosos seios,
Fundas mágoas na voz, no coração – receios,
E mistérios – no olhar.

E ficáveis, então, famintos, mas velando
Vossos donos, que a morte em breve ia colher...
E ganheis de pena, e soluçáveis, quando
Eles iam de leve o corpo levantando
Para cair de novo e, exânimes, morrer.

Quantas vezes, meu Deus, os míseros gemiam
Entre nuvens de poeira avermelhada... e, após,
Se lançavam o olhar em torno, mais sofriam,
Porque junto de si, a lastimá-los, viam
Unicamente a vós!

Quantas vezes, oh cães, se acaso vos varava
Uma bala inimiga, ao peso do revés,
Não buscáveis, uivando, aquele que vos dava
Carinhos, e depois, cheios de lodo e bava,
Morríeis a rolar debaixo dos seus pés!

Quantas vezes a criança exausta e desmaiada,
Em cuja alma luzia um fulgido arrebol,
Não íeis oscular a frente baleada,
Para abrigar-lhe assim a chaga escancarada
Dos ardores do sol!

Quantos, quantos de vós, vendo morrer o dono,
Não sentiam no peito um íntimo pungir,
E, contemplando o céu em místico abandono,
Como a pedir piedade ao rei do excelso trono,
Junto deles por fim iam também dormir!

Como a fome crescesse, eles, em certo dia,
Resolveram então vos enxotar... e assim
Pagaram tanto amor com tanta vilania...
E tristes, um a um, em cáfila sombria,
Sumiste-vos por fim.

II

Pobres cães! Pela tórrida esplanada
Fugiram a ganir lugubrememente...
Tinham aos pés a angustia acorrentada,
No olhar a névoa duma dor ingente.

Quando no céu aparecia a lua
Iluminando as solidões e os fossos,
Eles surgiam pela estrada nua,
Magros e esguios, chocalhando os ossos.

E horrorizavam toda a soledade
Com a musica feral dos seus gemidos,
Que eram como suspiros de saudade
E gritos de fantasmas perseguidos.

Caracolavam sobre as pedras, tontos,
Até que enfim caíam ofegantes...
E corriam depois para outros pontos
Como um bando de lêmures errantes.

Incendiavam-se as árvores tranquilas
Ao fulgor dos seus olhos abrasados,
Que traziam nas rútilas pupilas
Crateras de vulcões incendiados

E o viajor descuidado que passasse
Pela estrada, alta noite, sentiria
O frio do pavor gelar-lhe a face,
Turvar-lhe a mente a nuvem da agonia.

Os cães ao encontro vinham-lhe, ansiosos,
Como presos de elétricas centelhas,
E beijavam-lhe as plantas, respeitosos,
A sacudir as caudas e as orelhas.

Depois fugiam e, em tropel imenso,
Metiam-se nos antros e nas furnas,
Causando medo ao viajor suspenso,
Que cria ver aparições noturnas.

Outras vezes, atentos, escutavam
Rugir longe o canhão... Nesse momento,
Parecia que os míseros choravam,
Que tinham alma, e tinham sentimento.

Pensavam nos seus donos, que nessa hora
Talvez morressem numa luta insana...
E os cães (não acreditem muito embora)
Tinham no olhar uma tristeza humana.

Viam de novo, atônitos de assombro,
O seu senhor que, com descuido e graça,
Saía cedo de espingarda ao ombro,
Acompanhado pelos cães de caça.

Dava-se isto em certos dias de ouro
Em que fulgia o sol no azul do espaço,
Como um guerreiro triunfante e louro
De lança em riste e capacete de aço.

Os pobres cães, tristíssimos e aflitos,
Sob a impressão cruel dessas lembranças,
Rolavam pela terra dando gritos,
A soluçar, como se fossem crianças.

Iam seguindo em direção aos tiros
Como enleados, mas voltavam tendo
Retratada no olhar e nos suspiros
A grande dor dum coração morrendo.

E o viajor, que passasse à noite pelos
Caminhos onde estavam suas furnas,
Sentiria arrepiados os cabelos,
Crendo que via aparições noturnas.

III

Depois, quando não mais se ouviram tiros – eles
Voltaram, tendo a vista horrorizada e absorta...
E viram, com espanto, as casas incendiadas,
Esqueletos no chão, cabeças degoladas...
Enfim, todo o pavor duma idade morta.

E gemendo, e ganindo alucinadamente,
Num desespero tal que o verso não traduz,
Remexiam com ânsia as pedras e os destroços,

Arrancando daí trapos de vestes e ossos,
Com os olhos tristes como os olhos de Jesus.

Metiam o focinho agudo entre os escombros
Procurando beijar cadáveres amados,
Que cobriam depois de terra fresca e nova,
Apresentando assim a derradeira prova
De afeto aos donos seus, então inanimados...

Erguiam em silencio os olhos cismadores,
Como que numa prece, à cúpula do céu...
Paravam, contemplando os sítios onde de antes
Viveram, e depois caíam arquejantes,
Sentindo dentro de si um hórrido escarcéu.

Numa angústia sem fim, iam passando os dias
E noites a chorar junto das sepulturas,
Até que pouco a pouco a fome, a sede e as penas
Os prostraram, e, à luz das regiões serenas,
Eles morreram como angélicas criaturas...

E, assim, por uma lei desconhecida e estranha,
Quando eram sem amor até as próprias mães,
E os homens entre si lutavam como feras,
Esse rancor brutal de hienas e panteras
Se mudou em piedade e compaixão nos cães!

XX

MATER

DA guerra ei-lo que volta a largos passos
E, entrando o lar que abandonara um dia,
Entre beijos e lágrimas e abraços
A mãe o acolhe, doida de alegria...

Um artista de gênio, que quisesse
Copiar desse quadro a alta imponência,
Somente o pintaria se tivesse
Um coração cheio de inteligência...

Gaguejam... e depois, em voz mais clara,
A mãe pergunta ao filho, pressurosa,
Pelas nobres ações que praticara
Nessa guerra titânica e horrorosa.

Ele conta-lhe, então, os mais felizes
Transes dessa campanha extraordinária.
E mostra após as largas cicatrizes,
Que tem ao peito e à frente temerária...

Estende a mão altivamente, e exclama:
“Eu feri não sei quantos inimigos,
Chafurdei-os em sangue, como em lama,
E enxotei-os depois como mendigos!”

Nisso ela se tornou trêmula e branca,
Muito mais branca e mais trêmula ainda,
Sentindo n'alma a dor, que não se estanca,
De uma tristeza maternal, infinda.

E o artista genial que desejasse
Reproduzir a dor que a pobre sente,
Só pintara a expressão de sua face
Se Deus lhe desse um coração à mente.

E ela disse: “Meu filho, de que servem
Os falsos esplendores dessas glórias,
Se os louros que na tua frente fervem
São de desgraça, e nunca de vitórias?

Posso beijar-te venturosa, quando
Sei que outras choram longe de seus filhos?
Ai! como estão o meu prazer turvando
Teus louros, tuas glórias e teus brilhos...

São para mim tão tristes essas palmas,
Essas dragonas trêmulas e belas
Feitas de luto e dor de tantas almas,
Que eu preferia ver-te livre delas.

Não sabes inda o que é ser mãe, criança,
Pois se o soubesses, isso não farias,
Que se não rouba a angélica esperança
De uma alma, para enchê-la de agonias...

Oh! Imagina que voraz ferida
Se abriria de súbito no peito
De tua mãe, de tua mãe querida,
Se achasses na campanha o último leito...

Se na peleja rábida e confusa
Caísse, ao rugido da metralha,
Vendo na rota e ensanguentada blusa
Não um troféu, e sim uma mortalha...

Ao sentires o hálito da morte,
Pensarias em mim e, então, coitado!
Maldiriam, chorando, a tua sorte,
Oh! glorioso & mísero soldado!

E a quantos filhos que, no último instante,
Evocavam imagens adoradas,
Não esmagaste enérgico e triunfante,
Ao retintin tremente das espadas?!

Se acaso a pátria defender tu fosses,
E ao inimigo matasses mil soldados,
Os teus triunfos me seriam doces...
Eu beijaria os teus galões doirados...

Se morresses, impávido, na luta,
Seria a tua morte o meu encanto...
Porém lutaste com irmãos, e escuta:
À tua gloria eu me desfaço em pranto...

Repara bem que a tua heroicidade
Se esperdiçou, não sei por que mistério...
Entraste numa fraternal cidade
Para a transfigurar num cemitério...

E agora que te abraço, após a guerra,
Sinto no coração a desventura.
Das mães que choram, nesta mesma terra,
Os seus filhos que estão na sepultura.

Ai! que irrisão! De um desespero imenso
Cruas lanças o peito me estertoram,
Porque, se beijo a tua frente, penso
Que, enquanto me bendigo, muitas choram..."

NOTAS DE I.^a EDIÇÃO

“O assalto à artilharia” é uma espécie de tradução para o verso de uma belíssima carta que o Dr. Euclides da Cunha escreveu de Canudos para o *Estado de S. Paulo*, onde este meu saudoso amigo derramou tanta luz em belíssimas e magistras correspondências, que, publicadas em livro, lhe garantiriam um triunfo literário.



“*Dolor*” é uma espécie de nênia que escrevi em Canudos, quando me deram a notícia da morte de meu inditoso companheiro Joaquim Pedreira, a quem abraçara dias antes, na hora da sua partida.

Quando publiquei esses versos no *Jornal de Notícias* desta cidade, encimei-os com esta nota, que reproduzo para esclarecer o leitor:

“Este moço partiu de Canudos tão gravemente enfermo, que mal podia suster-se a cavalo. Devido aos grandes sofrimentos por que passou durante a viagem, teve de ficar a três léguas de Monte-Santo, aos cuidados de algumas pessoas que se condoeram de tanta desventura, enquanto a escolta ia buscar uma padiola para levá-lo. Acompanhava-o um comboio de feridos”.

☞ COMPOSTO EM MONOTYPE CENTAUR 11/15 PT: NOTAS, 9/12 PT.

